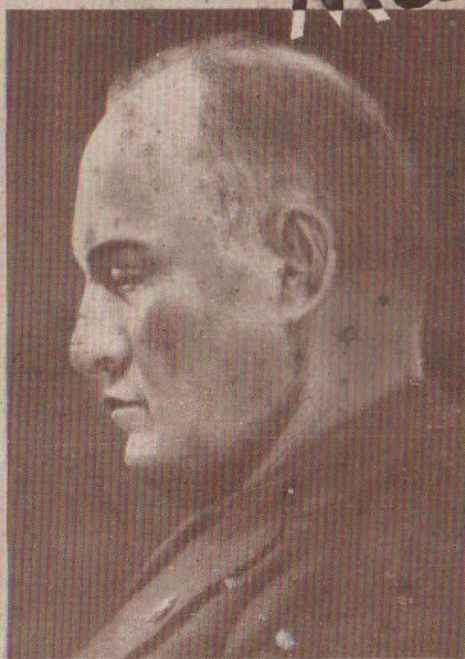


Benito Mussolini
**ASPECTOS DA CRISE
MUNDIAL**



ARTURO VECCHI-EDITOR

DIGITALIZADO

PELA

NACIONALISTA BIBLIOTECA NACIONALISTA



BIBLIOTECA NACIONALISTA

bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

BENITO MUSSOLINI

**ASPECTOS
DA CRISE MUNDIAL**

ORIGINAIS
FORNECIDOS COM EXCLUSIVIDADE
PARA A LINGUA PORTUGUÊSA
PELA "KING FEATURES
SYNDICATE
INC."



EDITOR:
ARTURO VECCHI
RIO DE JANEIRO
1934

A' GUISA DE PREFÁCIO

*P*ARA bem se compreender Mussolini e a sua obra é preciso lançar um golpe de vista ao passado, recordar o estado da Italia anteriormente ao advento do fascismo, ir mesmo mais além, observando o panorama político da Europa depois do triunfo das idéas da Revolução francesa.

O demo-liberalismo, baseando-se em falsos principios, trazia em si proprio o germen da destruição.

Prometendo ao povo — Liberdade, Igualdade e Fraternidade —, esqueceram-se os homens dos “imortais princípios” de que não pode existir a liberdade onde impere a igualdade. Desde que um homem é forçado a ser igual aos demais homens, deixa, implicitamente, de ser livre.

P R E F Á C I O

Por outro lado, a fraternidade entre os homens jámais foi tão fictícia como desde que em nome dela passaram a destruir-se, a aniquilar-se.

O liberalismo foi a negação das liberdades do povo.

Destruindo a antiga organização social, o regime liberal deixou entregue aos apetites desmedidos da plutocracia as massas trabalhadoras, que nas velhas Monarquias constituíam um dos elementos de maior preponderancia, organizadas como estavam em Corporações de Artes e Ofícios.

Suprimidas estas, que tinham a seu cargo, entre outras coisas, a fixação dos salarios, o operario, vítima, na maior parte dos casos, da ambição descomedida do patrão, deixou de ser um colaborador dedicado dêste, porque o explorado não pode ter dedicação ao que o explora.

Do desamparo a que o liberalismo votou o operario, e da ausencia de contrôlê, por parte do Estado, das atividades comerciais e industriais, não podia deixar de surgir a luta de classes, a questão social.

Sob o ponto de vista político, a falencia do demo-liberalismo não foi menos completa.

P R E F Á C I O

Fazendo passar a depender a vida da Nação do fator "quantidade", com absoluto desprezo pelo fator "qualidade", a liberal-democracia entregou a náu do Estado aos mais audaciosos, aos menos escrupulosos.

Político que, explorando a credulidade popular, mais promessas fizesse, era o que maior número de probabilidades tinha de lançar as mãos ás redeas do govêrno.

Por outro lado, tendo necessidade, para o triunfo eleitoral, de conquistar adeptos, o homem político transformou as repartições públicas em viveiros de afilhados, quasi sempre incompetentes e ineptos.

Destas duas causas adveiu a instabilidade dos govêrnos, a falencia do principio de autoridade, a desorganização dos serviços públicos, a anarquia, o caos.

O exemplo da França, berço da "liberdade", onde os funcionarios públicos formam verdadeiras legiões, e onde em sessenta e dois anos de regime republicano se constituíram noventa e dois ministerios, prova á evidencia a veracidade do que deixamos dito.

P R E F A C I O

Em resumo, pois: o demo-liberalismo, proscurendo dos estatutos fundamentais dos Estados a proteção ao operário, promovendo a formação de numerosos partidos políticos, originou a anarquia social e política em que se debate o mundo.

A Italia não podia deixar de sofrer as consequências de tal regime.

O grande número de agrupamentos partidários não permitindo que nenhum dêles contasse com maioria parlamentar, passou-se a organizar governos constituídos por elementos dos mais diversos matizes — os chamados governos de concentração —, que, evidentemente, não podiam dispôr de força e autoridade, não podendo, portanto, resolver os problemas vitais da nação, por não lho permitirem as divergências latentes no seio de ministerios organizados por elementos de ideologias muitas vezes antagônicas.

De transigencia em transigencia, os ministerios, em vez de governarem, passaram a ser governados pelas massas desvairadas; si a Realza não teve os seus dias contados na terra de Dante, deve-o apenas ao indiscutível prestígio de Vitor Manuel III.

P R E F A C I O

Foi no meio dêste verdadeiro pandemonium que surgiu o Homem destinado pela Providência para salvar a pátria.

Sem Mussolini, o que seria hoje a Italia?...

Pergunta difícil de ser respondida...

O que é inegável é que a êsse genial condutor de homens deve a Italia o prestígio de que goza atualmente no concerto das nações.

Qual o manancial inesgotável que permitiu ao “duce” a realização dêsse milagre de patriotismo?

A força de vontade. A ela deve Mussolini a sua vitória, como ela foi também o fator da vitória de Lenine.

Nos tempos que correm, em que campeia a pusilanimidade de caráter, em que todos os problemas se resolvem por transigências, um homem que sabe o que quer e para onde vai, triunfa fatalmente.

Ora, Mussolini não só sabe o que quer e para onde vai, como sabe também impôr a sua vontade.

Estão ainda na lembrança de todos as palavras com que, ao assumir a direção dos destinos do seu país, se dirigiu aos aliados. “A Italia faz questão de manter-se ao lado dos seus aliados, mas faz questão também de ser considerada em condi-

P R E F A C I O

ções de igualdade, e não como uma potencia de segunda ordem.”

Perante esta afirmação, os governantes das demais nações aliadas, não acostumados a falar, nem a ouvir falar, com semelhante desassombro, ficaram como estarecidos.

Mais tarde, quando foram assassinados por alguns gregos, na Albania, diversos oficiais do exército italiano, o “duce” assombrou novamente o mundo, mandando ocupar a ilha de Corfú até que a Grecia aceitasse o ultimatum que lhe enviara e declarando solenemente que em questões de honra a Italia não admitia a intervenção de terceiros.

Diante de tanta altivez, a Sociedade das Nações julgou prudente não intervir no conflito...

E' que Mussolini, como bom psicólogo que é, sabe perfeitamente que os bons burgueses que têm assento na Sociedade idealizada por Wilson tremem de medo ao ouvirem uma voz potente...

Si da política exterior passarmos á interna, veremos mais uma vez que o fator primordial do triunfo de Mussolini foi, e continúa a ser, a sua vontade ferrea.

P R E F A C I O

Desde a marcha sobre Roma á completa supressão dos partidos adversarios, todas as vitórias do “duce” deve-as a êsse fator.

Para a realização dos seus designios, não trepida em cair a fundo sobre quantos a êles tentem opôr-se.

E' assim que, ao mesmo tempo que desfere golpe de morte nos agrupamentos políticos, afasta do caminho, por mais altamente colocados que estejam, os proprios partidarios que possam opôr-se á obra de salvação nacional.

Profundamente anti-parlamentar, serve-se, apesar disso, do parlamento enquanto não vê os espiritos preparados para o advento do Estado Corporativo. Mas, no momento em que decide acabar de vez com a Camara dos Deputados, porque “Camara significa pluralidade de partidos atrelados ao vagão ministerial”, não hesita em declarar: “Si ha algum fascista pronto a chorar por causa disto, é bom que saiba que não estamos dispostos a enxugar-lhe as lágrimas”.

Esta declaração, energica como todas as que partem do “duce”, define o homem. Votado inteiramente á integral realização da Revolução fa-

P R E F A C I O

scista, não hesita em ferir amigos, como puniria os próprios parentes, si visse nêles um obstáculo á execução dos seus planos.

Tem cometido violencias? Sem dúvida, mas os defensores do liberalismo, antes de o atacarem, deviam lembrar-se de que a Revolução francesa, por cuja ideologia se batem, inundou de sangue os campos da França, os campos da Europa, os recantos de todo o mundo.

Admirado por muitos, combatido por outros, não ha, porém, quem possa negar que Benito Mussolini é um homem, e a crise em que o mundo se debate só por homens, da sua tempera pode ser resolvida.

No momento em que, atirando a última pá de cal no cadaver do nefasto individualismo, o "duce" arremata a sua obra criando o Estado Corporativo, são de palpitante atualidade os escritos da sua lávra que formam êste livro, cuja leitura permitirá compreender o modo de pensar e de agir de Mussolini.

CADA POVO FAZ A SUA PROPRIA REVO- LUÇÃO

NA vida dos povos a revolução nada mais é do que um periodo acelerado de sua evolução, isto é, uma época de alta tensão em sua história. O episodio dramático de cada revolução é a insurreição, ou melhor, o uso da força para estabelecer uma situação nova. As insurreições podem ser mais ou menos longas, mais ou menos sangrentas e podem assumir o aspecto de uma pressão irresistível de ordem espiritual.

Um dos casos típicos de insurreição popular foi o levantamento de maio de 1915 na Italia, levantamento esse que alcançou o seu objetivo apenas com os comícios nas ruas e alcançou exito tirando a Italia de sua situação de país neutro. Classifico tambem entre as insurreições de ordem moral as seis campanhas eleitorais sucessivas do

Chanceler Adolfo Hitler, que revelaram pelo voto de milhões e milhões de alemães a vontade decisiva do povo contra a Constituição de Weimar.

Em certos momentos da vida de um povo pôde produzir-se a antítese entre as instituições que o governam e as novas tendencias e novas necessidades dêsse mesmo povo.

A revolução põe termo ás diferenças civis e o restabelecimento do equilibrio modifica o ambiente civil, eliminando as instituições que já cumpriram o que tinham a cumprir e criando instituições novas, mais de conformidade com os desejos do povo.

Cada revolução tem, por conseguinte, seu fim particular; começa por uma assembléa constituinte que sepulta todo o passado e abre o caminho para as novas tendencias. Continúa com uma "Assembléa Legislativa" que cria as novas leis destinadas a definir uma nova situação; ás vezes é preciso adotar medidas defensivas (as quais tomam o nome de "terror", em lembrança das medidas excepcionalmente severas e deshumanas da revolução francesa) afim de destruir a força contrária á nova ordem de coisas.

Mas a revolução triunfante não só deve defender-se das contra-revoluções, como das chamadas "ci devants" compreendidas entre 1789 e 1793.

Pódem apresentar-se outros perigos e outros elementos podem atacá-la, desviá-la, corrompê-la — em primeiro lugar as pessoas que são violentas por natureza e por educação. Estes elementos são absolutamente necessarios para a insurreição, porém convertem-se em verdadeiro perigo uma vez passada esta. E' necessario fixá-las sobre o ponto de vista economico e dar-lhes situação apropriada segundo cada mentalidade ou temperamento.

Em segundo lugar (e neste caso talvez estejam os mais perigosos para o desenvolvimento da revolução) — os que só desejam locupletar-se. São os individuos que consideram a revolução apenas como um meio de obter beneficios pessoais. Este fenómeno é, infelizmente, inevitavel porque é inherente á natureza humana que cria muito poucos heróis e muito poucos santos. Porém, si bem que inevitavel tal problema, deve, contudo, ser tratado com severidade. E é isto que venho fazendo ha mais de dez anos. Qualquer abuso, qualquer fonte ilícita de lucros devem ser castigados

severamente. Devo dizer, porém, que êstes casos têm sido relativamente raros, e isto se deve attribuir á atmosfera de desinteresse e ardente idealismo, em cujo meio se desenvolveu a Revolução Fascista. Dei a esta revolução o seguinte lema: — “O Fascismo não serve; serve-se”. (O Fascismo não serve, é servido). E disse também que todos os verdadeiros fascistas “chegaram á meta em estado de nudez”.

Outras categorias de pessoas que acompanham “toda a revolução são as nostálgicas e desiludidas, categorias essas muito menos perigosas que as precedentes”.

O ressurgimento italiano, além de ter sido uma revolução, ao triunfar, viu-se rodeado de pessoas desenganadas, que o hostilizavam.

Havia aquêles que preferiam uma Federação Italiana e os que, em lugar de uma Monarquia, desejavam uma República. Estas duas correntes estavam equivocadas, conforme provaram os acontecimentos.

A Revolução fascista não teve êste cortejo de indivíduos desenganados e nostálgicos, porque foi feita por homens normais que não pôdem ter sau-

dades do passado e não têm ilusões sobre o futuro que êles próprios podem construir.

A categoria dos extremistas pôde comprometer o desenvolvimento da revolução, dividindo as forças e criando reacções perigosas. Além disso, cada revolução tem um termo definido. E’ por isso que a ilegalidade é extremamente perigosa, quando a revolução criou uma nova ordem de coisas.

Desde outubro de 1922 comecei a minha batalha contra a ilegalidade, si bem que já soubesse que a ilegalidade não pôde desaparecer imediatamente. O tempo é fator necessario para fazer clarear as aguas no leito da nova legalidade.

Em 1926, em um discurso que obteve grande exito em todo o país, declarei que as fórmulas atrasadas da ação de um Fascismo violento são antiquadas, porque depois da marcha sobre Roma o chamado — esquadrismo — ou ação fascista violenta, se transformou em lei, na milícia voluntaria para a segurança nacional.

Entre as demais revoluções, a revolução fascista é a que tem alcançado e criado mais rapidamente uma nova legalidade sem violencia nem opposição criminal da parte dos adversarios. Não

se apresentou ainda nenhum caso de ilegalidade depois da insurreição. Houve, é verdade, fatos esporádicos que foram sustados completamente alguns meses depois do estabelecimento do novo regime.

Ha ainda, durante a revolução, um outro perigo — o otimismo! — Ai do chefe que se mostra indulgente com os outros ou, pior ainda, consigo mesmo!

Devemos pôr de lado os laureis quando existe o perigo de se dormir sobre eles. O chefe de uma revolução deve marchar á frente do seu exército. Deve ser, como já foi dito, o capitão que prende os seus soldados. Si não agir assim, perderá a oportunidade de controlar as forças. Si eu estiver na vanguarda poderei dispôr dos meus partidarios, fazendo-os parar ou avançar conforme me aprouver.

Dois homens que fizeram revoluções adotaram êste sistêma desde o principio até a vitória final ou até a morte — Cromwell e Jorge Washington.

Diz-se que as revoluções devoram seus homens. Até certo ponto isto é verdade, si bem que esta frase seja quasi sempre aplicada á Revolução Francêsa e

ás fações que dirigiram a matança reciproca dos Girondinos, Jacobinos e Convencionais.

Mas, si uma revolução, tal como a Revolução Fascista, consegue evitar as fações e manter uma disciplina de ferro, dentro de um caráter unitario, totalitario ou coletivo, disciplina essa baseada na observancia rigida da obediencia, dentro das hierarquias estabelecidas pelo chefe da revolução, o aniquilamento dos homens é infinitamente menor.

Quando olho para trás — para 1922, — tenho o prazer de continuar a vêr em torno de mim os meus fieis ajudantes. Alguns caíram, outros eclipsaram-se, mas a grande maioria está ainda sob as minhas ordens, ao serviço da Pátria.

As vagas inevitaveis são preenchidas pelas novas gerações, as quais, sem o conhecimento dos métodos políticos anteriores, começaram imediatamente sua carreira fascista.

Tenho dito que em todas as revoluções ha um caráter universal, mas é certo tambem que cada povo faz “sua propria revolução”, segundo seu temperamento, suas necessidades e sua história.

O PROBLEMA DOS SEM-
TRABALHO: - A MA-
QUINA E A TERRA

NOS países propriamente industriais onde o aumento de maquinismos criou uma desocupação permanente — denominada a desocupação tecnológica — ouve-se quasi sempre o clamor: “Voltemos para a terra”.

Os programas de varios partidos politicos de muitas nações já contêm êste postulado. A agricultura está ganhando terreno não sómente na Italia como tambem na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. No meio do grande movimento em prol da economia capitalista, já os sociologos nos tinham prevenido a respeito da desproporção, não apenas demográfica, que é cada dia maior entre a cidade e o campo.

Lembro-me de ter lido um livro sobre este assunto, escrito por um economista ha uns 25 anos,

A guerra, despovoando os campos e aumentando a população das cidades, contribuiu para agravar o fenómeno.

Os homens que pensam no destino de seus países clamam que é necessário que as coisas tomem novo rumo.

No período que poderá ser denominado — a época dourada do capitalismo industrial —, os homens dos campos foram atraídos para as cidades em busca de trabalho mais seguro e mais remunerador.

O camponês italiano, por exemplo, não costuma ter consigo muito dinheiro — este só lhe aparece na época da colheita. O trabalhador industrial recebe semanal ou quinzenalmente o seu salário em dinheiro.

O resultado desta comparação entre a sorte de um e outro é a crise atual. Será provável que estas grandes massas de ex-camponeses e de ex-trabalhadores de pequenas comunas rurais sejam absorvidas com o renascimento da indústria?

As probabilidades são absolutamente incertas. Devemos resignar-nos a continuar com a nossa

quota de desocupados crónicos, que é bem grande. Será possível dirigir a estas massas de ex-combatentes um apêlo para que voltem aos povoados de onde vieram? É possível, sim, porém não devemos ter muitas ilusões sobre os resultados.

Sómente aquêles que habitam a cidade ha dez anos, sómente aquêles que chegaram ultimamente e que não compreenderam ainda a psicologia dos grandes centros e que se vejam perseguidos pela crise poderão sentir a nostalgia do campo e regressar para lá. Aquêles, porém, que se estabeleceram nas cidades ha mais de dez anos, si bem que desejem voltar, não o poderão fazer pois que em torno dêles já se terá formado uma rede de interesses e de novas amizades que não poderão romper.

Sómente aquêles que conservam ainda a psicologia rural podem regressar e assim mesmo só o fazem depois de se acharem desiludidos quanto ao tratamento que os espera como desempregados.

Desde 1926 que tenho tomado medidas energicas para provocar o descongestionamento das grandes aglomerações urbanas, porém os resultados, si bem que satisfatorios, considerando a disciplina

do povo e a energia com que são aplicadas as ordens fascistas, estão ainda muito longe de atingir o amago do fenómeno, eliminando-o.

Naturalmente, continuarei esta política, porém acho mais promissor, como já tenho tido ocasião de observar, um outro modo de agir — tratar de manter a população rural em suas terras.

A tarefa é relativamente facil, mas é necessario seguir uma boa tática para se conseguir o resultado desejado.

Sob o ponto de vista moral, os homens dos campos, os agricultores, são elementos de primeira ordem na comunidade nacional; como tais devem ser considerados sempre e não apenas nos tempos de eleições.

A revalidação moral do camponês e da agricultura será mais eficaz si fôr pondo de lado os preconceitos arcaicos daquêles que conhecem o campo apenas de vista.

Do mesmo modo que o autentico soldado das trincheiras desdenhava o escritor que dava colorido á guerra, o camponês ri-se quando a vida do campo é descrita com côres poeticas. Descrevem-na como

si fosse um idílio, em vez de a apresentarem como realmente é — rude e penosa. Por isso mesmo o camponês detesta aquêles que a descrevem dessa maneira.

Deve-se exaltar o caponês descrevendo-o como o trabalhador forte e viril que luta com os elementos naturais, frente a frente, em seu trabalho nos campos.

Em meus numerosos discursos dirigidos aos camponeses segui sempre esta linha de conduta.

Em segundo lugar, é necessario que as condições economicas do camponês correspondam ás exigencias elementares da vida. E isto não sómente em relação aos salarios e ás condições do trabalho, mas considerando-se tambem o seu conforto no lar.

Hoje em dia, em muitos países da Europa e tambem na Italia, as condições das casas rurais são deploraveis. Falta espaço e nelas não existe nem mesmo a mais rudimentar hygiene.

O joven camponês que durante o tempo do seu serviço militar conheceu as casas da cidade, quando volta ao campo começa a fazer comparações e já não se adapta ao meio muito facilmente. Em minha opinião, uma casa grande, limpa e sau-

davel é indispensavel, si se desejar que o camponês tenha a familia unida e não se disperse em exodo contínuo para a cidade.

O terceiro fator para manter a população rural em seus proprios limites é fazê-la familiarizar-se com os modernos principios do progresso na técnica e nas invenções científicas.

Os povoados devem ser iluminados a luz elétrica, ter telefones públicos, cinematógrafos, radios e um sistema de ruas que não só facilite o tráfico dos produtos locais como tambem o movimento de pedestres. Si o povoado mais parecer uma prisão, pelo seu desconforto, o dono da granja, por mais prospera que seja, terá sempre o desejo de procurar novo meio de vida.

“A volta á terra” depende essencialmente duma questão — A solução da crise agrícola.

Tenho dito por diversas vezes, e afirmo-o novamente, que a agricultura é a primeira a sofrer em época de crise e a última a voltar ás condições normais. As dividas da agricultura em todos os países atingem a cifras hiperbolicas, e os sofrimentos dos camponeses são crueis.

Em alguns países foram adotadas medidas radicais, tais como a redução obrigatoria dos juros, ou uma moratoria ou suspensação da confiscação da propriedade por parte dos credores.

O meu governo tem seguido uma politica de intervenção do Estado neste assunto, sem contudo efetuar mudanças muito radicais cujas consequencias, ás vezes, não é possivel prevêrem-se.

Tenho dito frequentemente que a cirurgia pôde ser aplicada á politica, porém. em casos economicos a medicina é mais eficaz, si bem que tenha ás vezes de ser aplicada com toda a energia.

As dividas da agricultura da Italia flutuam entre 6 a 8 mil milhões de liras, incluindo tambem as dividas das hipotecas e das operações agrícolas. As medidas tomadas pelo governo fascista para melhorar a agricultura nacional, que muito tem sofrido, muito particularmente em certos distritos do norte do país, têm sido multiplas.

As principais são as seguintes:

1.^a) — Proteção alfandegaria adequada para certos produtos, sem tocar, entretanto, no sistema de quotas.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

2.^a) — Medidas especiais em favor dos distritos que mais sofreram, consistindo em contribuições do Estado para o pagamento dos juros das dividas maiores.

3.^a) — Contribuição por parte do Estado de 6 milhões de libras anuais, durante 30 anos, em favor das associações de auxílio agrícola, que são a corporação que proporciona aos agricultores as máquinas, os adubos e as sementes.

4.) — Empréstimos não amortizáveis aos agricultores particularmente eficientes, na proporção de 46 milhões de libras por ano e durante o prazo de 25 anos.

O onus que destas medidas resulta para o tesouro italiano atinge a 1 bilhão e 740 milhões de libras que, si forem capitalisadas em seu valor actual, representarão mais ou menos 900 milhões de libras.

Estas e outras medidas projetadas não lograram resolver a crise agrícola, porém, têm melhorado a situação. A verdadeira solução está na alta dos preços, mas numa alta de preços que não re-

BENITO MUSSOLINI

sulte de manobras financeiras e sim do aumento do consumo.

Este aumento de consumo será a consequência de uma situação geral que torne possível a restauração dos negocios em uma atmosfera política baseada na colaboração e na paz mundial.

TECNOCRACIA

NÃO pertencço á categoria dos adoradores dos “velhos tempos de antanho” e que odeiam as máquinas. Creio que as máquinas, tanto como outras coisas da actualidade, contribuem para o progresso desta época. O mundo não póde voltar atrás, nunca, nem mesmo á idade do ouro. Aprendemos muito e muito ganhámos para não aproveitarmos os beneficios que a máquina nos tem proporcionado. Regressar ao trabalho puramente muscular seria retroceder muito, e o mesmo ciclo recommearia, para, depois de algumas gerações, nos encontrarmos na época da máquina.

Como disse, não acuso as máquinas e antes as preconizo. Podemos dizer que na Italia de hoje, sómente na agricultura, introduzimos maqui-

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

nismos como nunca se verificou em qualquer outra fase da história do país. Ha dez anos, na Italia, eram bem poucos os que cultivavam a terra com o auxílio de maquinismos, ao passo que hoje ha mais de 13.000 tratores em uso dando em resultado um maior rendimento por homem, de modo que durante o ano passado alcançámos a maior produção de cereais jamais registada na história da Italia.

A minha familia, embora de gente modesta, tem a êsse respeito algum merito que guardo entre as minhas mais queridas e profundas recordações. Nunca me esquecerei de que, era eu ainda muito criança, meu pai fez uma viagem a Milão com o fim especial de trazer e introduzir á sua propria custa e por sua iniciativa o primeiro debulhador mecanico a vapor que foi instalado na minha provincia natal — a Romania. Nunca me esquecerei tambem das lutas sangrentas que êle teve com os trabalhadores por causa disso. Na sua curteza de vistas, recusaram-se a alugar a máquina, receiosos de ficarem sem pão. Os fatos demonstraram quão errados estavam êles, e que a razão estava com o espirito progressista de meu pai. A introdução dos maquinismos concorreu certamente, de modo con-

BENITO MUSSOLINI

sideravel, para elevar o nivel de vida dos trabalhadores rurais.

Foi com profunda emoção que me recordei dessa circumstancia da minha meninice, quando, ha alguns mezes, nas proximidades de Littoria, a cidade que fundei, dei o sinal de partida para os 100 arados mecanicos nas lagunas Pontinas, que de pobres e estéreis as tornámos ricas e férteis.

Tenho encorajado o uso das máquinas em todos os ramos da nossa economia. A despeito de ter a Italia uma boa média de super-povoamento, não detivemos o progresso técnico, e tudo quanto a ciência pode fazer pelo aperfeiçoamento do nosso sistema político e economico aceitamo-lo de bom grado. Mais do que em qualquer outro tempo, temos agora na Italia máquinas em maior numero e melhores. Os nossos trens são mais rapidos, os nossos navios maiores e tão velozes como os melhores; os nossos hidroplanos são considerados por muitos como os melhores do mundo; quanto ao nosso aparelhamento elétrico em todo o paiz, representa a última palavra em adiantamento. As nossas estradas são construidas com o auxílio de maquinismos. No plano do aproveitamento do

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

solo empregou-se toda especie de dragas complicadas, escavadores e máquinas especiais para a construção de canais. Para um país que só recentemente, pode-se dizer, deixou a fase agrícola, a Italia apresenta ao mundo o espetáculo de um notavel progresso técnico realizado em curto espaço de tempo.

Que as máquinas concorrem para dar ás nações um melhor nivel de vida, não ha a menor dúvida. Devido a elas, um maior número de pessoas pode gozar hoje de maior conforto. Para provar isso basta que comparemos o nivel de vida atual com o de cinquenta ou cem anos passados. Graças aos maquinismos, o trabalhador goza de comodidades que eram desconhecidas pelos reis ha um século. Todos os grupos sociais teem sido beneficiados pelas utilidades e prazeres que elas teem proporcionado. Verdadeiramente, temos passado de uma economia penosa para uma economia de prazer e, como já se disse, não deveria existir o problema de limitar as necessidades e sim o de descobrir o meio eficiente de distribuir todas as coisas que somos capazes de produzir.

BENITO MUSSOLINI

Sou portanto, um firme partidario de todo o progresso técnico, mas penso que êle deve ser o servidor do homem e não o seu senhor.

Devemos á America uma consideravel parte do progresso desta época, e agora da America vem uma nova sugestão de política economica, principalmente a do governo das máquinas, denominada por seus adeptos como "tecnocracia".

Através da história, tem desfilado longa série de experiencias e teorias de govêrno. Com a constituição de classes em varios periodos de nosso desenvolvimento, essas classes teem avocado a si o direito de dirigir por serem as mais dignas e mais aptas. Platão, em sua república, declarou que a melhor fórmula de governo seria a que fôsse presidida pelos filósofos. Experimentou-se isso e durante toda a Idade Media os teólogos aspiraram e se esforçaram por dirigir os destinos da humanidade e mesmo os negocios temporais. Essê governo falhou, conforme o profetizára o grande espírito universal de Dante. Os sacerdotes fôram obrigados a voltar á sua esfera de ação, que é o cuidado espiritual do rebanho dos seus fiéis. Tivemos a aristocracia, que por sua vez tambem caíu quando mo-

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

nopolizou os objétivos egoísticos dos aristocratas, Tivemos autocratas, militares, plutocratas e teocratas, e todos falham porque cada qual centraliza em seu grupo e encoraja seus proprios objétivos particulares e egoísticos. Depois houve um tempo em que se acreditou que o poder devia ser assumido pelos cientistas em nome da higiene, da eugenia e semelhantes teorias abstratas.

Agora são os tecnocratas que reclamam o poder..

Os progressos técnicos tem-se espalhado por todo o mundo. Não ha dúvida que os Estados Unidos se têm utilizado mais do que qualquer outro país desse progresso. E' interessante saber, por exemplo, que ha fábricas capazes de produzir toneladas de produtos pelo simples apertar de um comutador, empregando apenas alguns homens ou, como no caso da já famosa fábrica de seda de New Jersey, dispensando totalmente o trabalho manual. Mas o que é verdade com relação aos Estados Unidos, é verdadeiro, embora de modo relativo, tratando-se de outros países. A máquina tem desalojado o homem e continuará a fazê-lo.

BENITO MUSSOLINI

Por outras palavras, até agora os tecnologistas têm desempenhado bem a tarefa; acontece, porém, que os políticos deixaram de apreciar devidamente esse trabalho não efetuando uma distribuição conveniente das mercadorias que o progresso técnico forneceu, e aquêles aspiram a assumir tambem as funções de estadistas e desejam ser promovidos de técnicos a tecnocratas.

O fáto de um homem ou um grupo haver desempenhado bem sua missão particular ou sua especialidade, não basta como garantia de que seja apto para tudo. Como técnicos, os que aspiram á tecnocracia se saíram bem, mas isso não dá a certeza de que eles se sairão igualmente bem como estadistas. Pelo contrário, é quasi certo que eles falhem como falharam os teocratas, os militares, os plutocratas e autocratas quando acreditaram que o progresso do mundo dependia do prosseguimento de seus objétivos particulares e egoísticos. O corpo político, especialmente na sociedade moderna, é constituído de muitos elementos diferentes para que um grupo assuma a direção da totalidade social. Um estadista digno desse nome tem que levar todos esses grupos em consideração para obter o bem estar e o

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

adiantamento dos interesses de todo o Estado. O estadista e o técnico têm funções inteiramente diversas. Este deve ser subordinado àquele para benefício da comunidade.

Não podemos ser dirigidos como máquinas. Temos demasiados atributos humanos para sermos subordinados à máquina. A máquina é que deve ser subordinada a nós. Os mais altos dos nossos atributos humanos transcendem os do progresso material. Não podemos prescindir do desenvolvimento espiritual e das aspirações espirituais. Nêstes reside o maior dos patrimônios da humanidade. Devemos incentivar os nossos filósofos e os nossos artistas, os nossos pensadores e os nossos professores. O labor das grandes almas do passado que nos arrancaram das trévas da ignorância parece clamar até nós para que cultivemos o nosso bem estar espiritual, para que a nossa verdadeira vida tenha oportunidade de florir de modo a podermos transmiti-la aos pósteros ainda mais enriquecida.

Não podemos submeter nem o povo nem a alma do Estado à máquina. Não podemos permitir que um determinado grupo se levante e

BENITO MUSSOLINI

peça para governar. Não faço tanta questão de "interesses", mas de concepções, de preconceitos, de digressões e distorções profissionais. Admito que essas pessoas bem intencionadas sejam movidas por nobres e desinteressados sentimentos e que acreditem sinceramente agir no interesse exclusivo do maior bem-estar da humanidade. Mas têm o preconceito da fé que lhes dá a competência exclusiva; isso, por sua vez, explica-lhes a boa-fé.

Certa vez, uns economistas imaginaram um boneco de sua invenção, a que denominaram de "Homo economicus", e que era dirigido por agentes, motivos e impulsos puramente economicos. Nada podia existir de mais fictício, artificial e falso. Esse "homem economico" nunca existiu, não existe no presente e nem o futuro o conhecerá. O homem real é movido por uma complexidade de motivos, materiais, sentimentais, psicologicos e até ideais. Ha ainda outros, imponderaveis.

Portanto, a direção do homem em sua coletividade global de "povo" ou "nação" pertence a uma organização em que estejam representados

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

todos os interesses, necessidades e sentimentos da maioria.

Isso deveria estar em proporção ás diferentes frações e partes que a constituem. Por essa razão é que na Italia instituimos as nossas "corporazioni" ou "gildes", que são os corpos consultivos tecnológicos e técnicos do Estado.

O poder executivo e deliberativo deve pertencer ao estadista. Êste deve considerar o equilibrio dos interesses economicos, técnicos e materiais, muitas vezes em conflito entre si. Mas, além disso e acima de tudo, o estadista deve consultar os interesses morais, os sentimentos, as paixões e ideais do povo, no passado, no presente e no futuro.

A ITALIA E A RUSSIA

A 2 de setembro de 1933, um sábado, a Itália juntou mais um pacto á sua grande lista de tratados de amizade e não agressão. Este último foi celebrado com o governo dos Soviets.

O importante documento internacional foi formulado e firmado em uma época em que prevalecia uma interpretação errônea no campo da política internacional: dizia-se que o pacto das 4 potências havia sido formulado apenas com o propósito de afastar a Rússia.

A Itália veio desvanecer toda a dúvida que pudesse ter havido sobre estas sinistras possibilidades do referido pacto. Porém, de toda a maneira, aquela interpretação dada ao pacto das quatro potências era absolutamente infundada, mesmo porque a

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Italia, desde 7 de fevereiro de 1924, já havia reatado suas relações diplomáticas com a Rússia. Deve-se lembrar mesmo que foi ela uma das primeiras potencias européas que assim procedeu.

Desde então a Italia vem sempre seguindo uma política franca e leal, com tendencias a aumentar o intercambio comercial com a República Sovietica.

O tratado de 2 de setembro de 1933 veio selar com fecho de ouro esta mesma política.

Por outro lado, si é verdade que a Rússia tivesse sido afastada do convívio das nações por algum tempo, é verdade também que Edouard Herriot, quando estava no poder, iniciou uma política de aproximação entre a França e a Rússia, política esta que teve o seu apogeu com o tratado franco-russo de 19 de novembro de 1932.

As relações entre a Rússia e a Inglaterra têm sofrido diversas vicissitudes. As relações diplomáticas entre estes dois países foram interrompidas em várias ocasiões, porém têm sido sempre reatadas.

Pelo que respeita á Alemanha, desde 1922 as suas relações com a Rússia têm sido mais cordiais

BENITO MUSSOLINI

que as que existiam entre os Soviets e as outras potencias. As recentes modificações políticas operadas na Alemanha vieram alterar de alguma forma esta situação.

É obvio que se póde estabelecer sempre facilmente entre duas nações, cujos regimes estejam inspirados em ideais semelhantes e identico sistema político, um intercambio social e cultural, mas é certo também que estas afinidades e simpatias não podem determinar de uma maneira dominante o curso da política exterior e as leis de relações internacionais, pelo menos de uma forma decisiva.

Neste caso a Italia constitue um exemplo muito significativo. Em cada um de seus atos o meu governo constante e lealmente tem demonstrado sua adesão ao principio de que se deve mostrar o maior respeito á vontade do povo, si é que se quer que o regime que o governa prevaleça.

O pacto das quatro potencias foi proposto e concluido pela Italia fascista em íntima colaboração com a monarquia constitucional inglesa, a república francesa, democratica e parlamentar, e o partido nacional-socialista da Alemanha.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Italia, desde 7 de fevereiro de 1924, já havia reatado suas relações diplomáticas com a Rússia. Deve-se lembrar mesmo que foi ela uma das primeiras potencias européas que assim procedeu.

Desde então a Italia vem sempre seguindo uma política franca e leal, com tendencias a aumentar o intercambio comercial com a República Sovietica.

O tratado de 2 de setembro de 1933 veio selar com fecho de ouro esta mesma política.

Por outro lado, si é verdade que a Rússia tivesse sido afastada do convívio das nações por algum tempo, é verdade também que Edouard Herriot, quando estava no poder, iniciou uma política de aproximação entre a França e a Rússia, política esta que teve o seu apogeu com o tratado franco-russo de 19 de novembro de 1932.

As relações entre a Rússia e a Inglaterra têm sofrido diversas vicissitudes. As relações diplomáticas entre estes dois países foram interrompidas em várias ocasiões, porém têm sido sempre reatadas.

Pelo que respeita á Alemanha, desde 1922 as suas relações com a Rússia têm sido mais cordiais

BENITO MUSSOLINI

que as que existiam entre os Soviets e as outras potencias. As recentes modificações políticas operadas na Alemanha vieram alterar de alguma forma esta situação.

E' obvio que se póde estabelecer sempre facilmente entre duas nações, cujos regimes estejam inspirados em ideais semelhantes e identico sistema político, um intercambio social e cultural, mas é certo também que estas afinidades e simpatias não podem determinar de uma maneira dominante o curso da política exterior e as leis de relações internacionais, pelo menos de uma forma decisiva.

Nêste caso a Italia constitue um exemplo muito significativo. Em cada um de seus atos o meu governo constante e lealmente tem demonstrado sua adesão ao principio de que se deve mostrar o maior respeito á vontade do povo, si é que se quer que o regime que o governa prevaleça.

O pacto das quatro potencias foi proposto e concluido pela Italia fascista em íntima colaboração com a monarquia constitucional inglêsa, a república francesa, democrática e parlamentar, e o partido nacional-socialista da Alemanha.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Quando nos encontramos frente a frente com as ideias e métodos de cada povo, pedimos-lhes somente aquilo que nós próprios lhes atribuimos, isto é, o maior respeito por nós mesmos e para o regime de nossas fronteiras. Nisto está baseado em grande parte o prestígio da Italia no exterior. Não ha incompatibilidade no fáto de meu governo entender a mão amistosamente a nações governadas por diferentes métodos de governo. Esta conduta está de acôrdo com a retidão da minha política, isto é, a de estabelecer relações amistosas entre todas as nações.

No que diz respeito á Rússia, tenho a plena convicção de que é muitissimo oportuno ajudá-la a saír do seu isolamento, pondo-a em mais íntima colaboração com as potencias occidentais para o bem comum da civilização e da paz.

O pacto das quatro potencias deu á Europa occidental, si é que assim se póde dizer, uma oportunidade de tomar alento. Fez desaparecer uma situação que estava tomando aspectos ameaçadores e que, inevitavelmente, levaria á guerra, tarde ou cedo.

BENITO MUSSOLINI

O mencionado pacto fez desaparecer a ideia de alianças particulares e ligou as quatro potencias da Europa Occidental por uma política harmonica de paz durante dez anos.

Não podemos ignorar as possibilidades da Rússia.

Uma nação que conta com 164 milhões de habitantes deve ser reconhecida como uma potencia mundial.

A Italia reconhece, pois, que a Rússia tem o direito de ocupar o seu verdadeiro lugar no concerto das nações. Esta ideia tem feito considerar duas coisas — fixar o lugar da Rússia entre as outras potencias mundiais e dar-lhe a certeza de que as potencias occidentais não estão intentando afastá-la do convívio geral.

Qual é o propósito dêste pacto ítalo-soviético?

Em regra geral, as nações redigem tratados internacionais porque estão ligadas por uma política comum da qual esperam obter certos beneficios.

Em primeiro lugar, não existe uma política comum entre a Italia e o Soviet, com miras comuns

fôra do principio de amizade geral, especialmente baseado em uma estreita colaboração económica.

Um abísimo intransponível nos separa da Rússia no que diz respeito a teorías políticas, porém essas teorías dizem respeito á administração interna do país, e a Italia nada tem com isso. O meu país não tem programas hostís contra nação alguma.

O tratado ítalo-soviético que acaba de ser firmado é claro e específico a êste respeito, como também sob o ponto de vista de que nenhuma das partes contratantes póde recorrer ás armas para auxiliar uma nação que declare guerra a qualquer um dos dois Estados.

Cada uma das nações que firmaram o referido tratado reconhece o direito que a outra tem de escolher as instituições políticas que lhe aprouver e nenhuma delas se intrometerá nos assuntos internos da outra.

Conforme se vê, os principios fundamentais do tratado estão claramente especificados: — colaboração económica, e o não recorrer ás armas.

Entre os principios estabelecidos existem sólidos baluartes sobre os quais os dois países podem permanecer em seu espirito de cooperação amistosa.

A abstenção de qualquer forma de guerra commercial entre as duas nações que firmam o tratado é outro ponto de grande importancia.

Estabelecemos também que os acôrdos ou tratados feitos com outras nações não podem ser afetados pelo novo pacto. Fazemos questão fundamental de dar ao pacto caráter pacífico. Qualquer possibilidade de blocos ou grupos foi eliminada.

O tratado das quatro potencias eliminou êste perigo na Europa ocidental e, no que diz respeito á Italia, espero que do pacto firmado com o Soviet possa alcançar o mesmo resultado na Europa oriental e na Asia ocidental.

Êste é o primeiro dos tratados de neutralidade e não agressão assinado pela Rússia com qualquer das potencias ocidentais.* A sua duração é de cinco anos, porém espero que nada impedirá que êle seja renovado no fim d'êste praso.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Não exagero ao dizer que uma grande parte da Europa ficou politicamente estabilizada graças ao tratado firmado em Roma a 2 de setembro de 1933. A Europa ocidental parece estar agora mais tranquila. Cumpre agora ao hemisfério ocidental dar um passo definitivo na mesma direção durante as conferencias internacionais.

"A PEQUENA ENTENTE"

HA varios anos o grupo ou agrupamento dos três estados Danubio-balcanicos — Checoslovquia, Iugoslavia e Rumania — é denominado no mundo diplomatico sob o nome de “A Pequena Entente”.

Enquanto as relações negativas entre êstes estados traçaram uma certa linha comum de conduta com relação a problemas determinados que se resumem, apenas, num: — a conservação da presa de guerra —, as relações positivas não passaram da linha da conservação da boa vizinhança, pois as questões territoriais, politicas e economicas dividiram êstes estados entre si.

Chegou o dia em que a “Pequena Entente” mudou sua entidade civil por meio de um protocolo, definindo-se como uma — União internacio-

nal superior". A "Pequena Entente" eclipsou-se e entra então em cena, buliçosamente, com acompanhamento parisiense, a grande orquestra denominada — "a quinta grande potencia européa".

Estamos diante dum fáto que é necessario examinar sem precipitação. Estamos diante de uma "inflação" que se poderá transformar fácilmente em grotesca.

Um pacto político entre três estados não é suficiente para criar uma grande potencia. Êstes três estados nada têm de comum, nem ao menos em relação á raça, porque são compostos de slavos e latinos. Não têm a mesma lingua, nem a mesma história, nem a mesma religião e nem os mesmos interesses económicos. Cada um dêstes estados tem em seu seio um numero consideravel de minorias raciais e religiosas.

Na Checoslovaquia, por exemplo, os Checos representam 50 % da população; os Slavos contam com 15 %; os Alemães com 20 %; os Magiares com 5 %; os Ucrânicos com 5 %; os Judeus com 2 % e os Polacos com 3 %. Consequentemente, êste país é habitado por todas estas raças diferentes.

A Rumania é mais compacta sob o ponto de vista racial. Junto aos rumenos, que representam 75 % da população, ha, entretanto, grupos menores de Magiares, Alemães, Ucrânicos, Judeus, Búlgaros, Turcos e Ciganos. Com relação á religião, temos o mesmo panorama. Além duma maioria representada por 69 % de gregos orthodoxos, existem 31 % de gregos unidos, catholicos, protestantes, judeus e maometanos.

A Iugoslavia é um mosaico mais complicado ainda. Os servios representam na população apenas 52 %. Os 48 % restantes, podem ser divididos em croatas, slovacos, alemães, magiares, albaneses, rumenos, italianos e judeus. Quanto ao que concerne á religião, a fé grega orthodoxa conta com 47 % da população, o catholicismo com 39 % e o resto da percentagem consiste em adeptos da religião musulmana, protestantes e judeus.

Quando a "Pequena Entente" se proclamou a si propria como "a quinta grande potencia" não pôde evitar que o mundo a examinasse, e êste exame redunda no resultado que se acaba de demonstrar.

Mesmo sob o ponto de vista militar, o poder da "Pequena Entente" não deve ser avaliado em mais do que vale. A mobilização de cinco ou seis milhões de homens não significa a existencia de um exército comum, apto para lutar e obter a vitória. O panorama de dez raças que existem nos tres estados reflete-se na composição das forças e em suas potencialidades hipoteticas, tomando tambem em consideração que, nos três estados, as raças de minoria combatem a hegemonia das raças em maioria.

A "Quinta Grande Potencia", por conseguinte, não existe senão como um protocolo de tendencia político-literaria. Olhando-a de perto "A Quinta Grande Potencia" não é mais que "a pequena entente" do passado levantando-se sobre um tapete verde para aumentar sua estatura. Os objetivos do protocolo são os de sempre: — a paz, fundada na estabilisação da Europa austral, central e oriental. Com relação ao objetivo especifico, é necessario distinguí-lo, porque cada um dos três estados tem seus problemas particulares. A Rumania sente-se premida com a questão da Bessarabia. Poderá a Rumania contar com a solidariedade da Iugoslavia

a êste respeito? Os iugoslavos mantêm uma política de indiferença para com a Italia. Estará a Rumania disposta a seguir esta mesma política?

A Checoslovaquia tem em seu territorio uma minoria alemã muito forte que deve ser considerada em todas as relações com o Teutonismo; a Rumania, entretanto, não tem questões pendentes com a Alemanha.

Cada estado tem problemas especificos com seus vizinhos e tais problemas não podem ser reduzidos facilmente a um denominador comum.

Si do campo político passarmos ao campo economico, encontraremos conflitos ainda mais evidentes na economia dos três estados.

O artigo 7º do novo pacto, no qual se menciona o Conselho Economico dos Estados da Pequena Entente, está destinado a permanecer como letra morta. A economia dos três estados não pode ser separada da dos estados visinhos como, por exemplo, a Alemanha e a Italia. Considero a formação de uma união de alfandegas entre os três estados da Pequena Entente quasi impossivel.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Quais serão, pois, os motivos e objetivos do novo pacto?

Os motivos e objetivos misturam-se. Desejam manter o statu-quo e opôr-se a todo o desejo de revisão de tratados. A Hungria deve permanecer mutilada e humilhada e milhões de magiares devem ficar expatriados. Foi a Hungria que deu todo o territorio para os três estados, um dos quais nasceu do tumulto da guerra e os outros são dos que se locupletaram absurdamente como resultado dos tratados de paz. A não ser um núcleo de servios e rumenos, todas as demais raças pelejaram contra os aliados, queiram ou não que se diga.

A história já esclareceu o valor efetivo da contribuição dos servios e dos rumenos para a vitória comum. Diante da onda da política revisionista da Europa e do resto do mundo, a "Pequena Entente" assumiu uma atitude diametralmente oposta a essa política e intentou estreitar os laços que unem os que poderiam ser chamados os novos ricos da zona do Danubio.

A ideia da revisão está já em começo e será apenas necessario um fragil protocolo para fazê-la

BENITO MUSSOLINI

vingar. Começou porque o mundo necessita de paz, paz por um largo periodo de tempo, e sente que este grande desejo de tranquilidade permanecerá estéril si a Paz não estiver acompanhada pela Justiça.

Em 1928, em um discurso que pronunciei no Senado da Italia, falei em termos claros, muito claros, sobre os tratados de paz e sua revisão. Disse então:

"Tenho dito em outras ocasiões que os tratados de paz não são eternos. Disse isto, pela primeira vez, como deputado a repeti-o novamente como chefe de governo em meus discursos e entrevistas.

"Considero estranha a emoção que parece afetar certos circulos com relação a uma idéa tão obvia e clara. Não estamos aqui discutindo doutrinas. Trata-se de dar-mo-nos conta de um simples fato historico. Nenhum tratado foi até agora eterno porque o mundo se move; as nações nascem, prosperam, declinam e ás vezes morrem. Si um tratado permanecesse eterno, isto significaria que em certo momento a humanidade, devido a algum pro-

digio monstruoso da natureza, se tivesse mumificado ou, em outras palavras, tivesse desaparecido.

“Não é necessario recordar a história para dizer que os tratados de paz não são eternos. Si olharmos para o seculo XIX, teremos o suficiente para prová-lo. Mesmo em tempos mais proximos podemos encontrar um tratado que não só não foi eterno como tambem teve bem curta existencia. Refiro-me ao Tratado de Sevres. O pacto da Liga das Nações mesmo não toma em conta o que se poderia chamar a “imobilidade marmorea” dos tratados quando em uma clausula especialmente admite a possibilidade da revisão.

Seria interessante determinar, por exemplo, quantas clausulas do Tratado de Versalhes deixam de ser applicadas e quantas outras têm sido applicadas aos poucos ou alteradas. Os tratados de paz são sagrados porque determinam o fim de um esforço glorioso e sanguinario, e de um periodo de imensos sacrificios e grandes penas; porém os tratados de paz não representam o resultado da Justiça Divina e são apenas produtos da intelligencia humana, sujeitos a influencias excepcionais (especialmente depois de uma formidavel guerra).

“Ha alguém que se atreva a sustentar que os tratados de paz, a começar pelo Tratado de Versalhes, constituem obra perfeita? Representam trabalho de homens e são, por conseguinte, imperfeitos. Porém, devo ajuntar tambem que são suscetíveis de serem melhorados”.

Pouco depois disse em meu discurso:

“Graves complicações serão evitadas procedendo-se á revisão dos tratados, por quanto esta revisão se torna necessaria e significa paz”.

Estas palavras não admitem uma interpretação erronea e provam que a política da Italia, no que diz respeito a êste assunto, tem sido constante e diréta.

Quero dizer ainda que o desejo da revisão é o impedir a catástrofe de uma nova guerra, e deve ser executado pelo instrumento da Liga das Nações, como em realidade o admite e o contempla o proprio pacto fundamental.

Aquêles que se opõem á idéa da revisão estão contra o espirito da Liga das Nações, que não póde ser apenas a guardiã dos tratados de 1919, mas deve as-

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

sumir o papel de garantir a distribuição da Justiça entre os povos.

Si a Liga das Nações, no devido tempo e com todas as inevitáveis precauções que a delicada questão exige, não se atrever a encarar o problema, terá selado o seu destino, mesmo tendo erguido o imponente edificio que ora constrói nas margens do Lago Lemán.

A CONFERENCIA DE LAUSANNE

DE todas as conferencias realizadas durante o periodo dos tratados de paz, principalmente de 1919 até agora, (e elas foram numerosissimas), a conferencia de Lausanne foi sem dúvida a que alcançou mais resultados práticos.

Entretanto, mesmo a essa faltou a coragem necessaria para mergulhar bem fundo na questão, pelo menos com relação aos problemas europeus. Mas não se póde negar o importante progresso obtido na luta por um ideal comum.

Por outro lado, a conferencia de Genebra encerrou-se, no meu modo de vêr, com um evidente saldo negativo, terminando, como terminou, com a declaração superficial e equívoca de Benés, que foi a resultante de acôrdos subrepticios e de conspira-

tas anti-desarmamentistas do grupo de potencias chefiadas pela França.

Propõe-se a realização de uma terceira conferencia neste ano de 1932, em Londres, mas eu, de minha parte, tenho as mais profundas dúvidas sobre o seu exito, a despeito da promessa de participação dos Estados Unidos. Esses esforços conjugados, si fossem realizados com perfeita boa fé, poriam o mundo enfermo a caminho da convalescença económica.

E digo "o mundo" e não sómente a Europa. Esse magnifico trabalho de esforço em conjunto e de solidariedade não poderá ser levado a efeito sem a dedicada coperação e a boa vontade dos Estados Unidos.

A idéa, resultante de recentes decisões, de que algumas das principais nações da Europa se acham coligadas em uma especie de frente agressiva contra a America, é pura baléla, pezadelo de alguns espiritos que se tornaram morbidos á força de uma desconfiança crónica.

Eu diria antes que é justamente o contrário que se dá. De fáto, desde a guerra mundial, um grupo de países europeus concordou em convidar

a grande potencia transoceanica a colaborar na reconstrução geral, com um espirito de amistosa cordialidade e boa vontade humana e social.

Fica assim plenamente reconhecido que os Estados Unidos, essa nação tão nova e já tão poderosa, possuem pleno direito de figurar com autoridade, conselho e intervenção directa em uma conferencia realizada para discussão do futuro immediato de nossa civilização.

A America não póde fechar os olhos á verdade de que a propria vida ou o total perecimento da civilização occidental seja uma grave responsabilidade ou uma ameaça directa a seu proprio futuro, ou melhor, a seu futuro em primeiro lugar. Esse foi o motivo por que a America se prontificou a participar no conflito armado da guerra mundial, e que a levará, sem dúvida, a contribuir com espirito pacífico e conciliatorio para a solução do conflito economico.

A palavra "reparações" foi definitivamente eliminada das negociações internacionais. Alcançamos uma "atmosfera mais respiravel" depois de havermos removido do campo internacional um dos seus mais irritantes obstáculos. Foram necessa-

rios dez anos de laboriosa aplicação para trazer as nações e os governos da Europa a uma decisão que, provavelmente, nunca tomariam si a Europa não se tivesse encontrado entre a espada e a parede.

Como melhor solução para o problema das reparações, propús em Londres, em 1922, uma política de "vida nova", desde que as contínuas referências a êsse problema, em seus variados aspectos, serviam apenas para retardar o restabelecimento da cordialidade nas relações internacionais e adiar o ajustamento do mundo de após-guerra.

Os anos decorridos desde então têm provado até que ponto as reparações têm influido na instabilidade internacional. Cada país tem suportado a sua carga de sofrimentos e, quando a resistência humana parecia ter chegado ao seu maximo de tolerancia, o acôrdo realizado em Lausanne cancelou todas as reparações.

Os fatos têm demonstrado as inesperadas complicações que podem surgir de uma solução que devia ser mais simples e logica. Nêstes dez últimos anos, admitimos os primores matemáticos dos planos Dawes e Young, que calcularam os recursos da Alemanha quasi em uma base diaria para de hoje a

cem anos. Ora não ha espirito humano ou mesmo nenhum genio capaz de predizer o curso que tomará a história dentro de 60 anos, visto que nós mesmos fomos testemunhas de como um simples incidente, tal como o assassinato de um arquiduque, em uma pequena cidade de provincia, foi a centelha que ateou o fogo que havia de abrasar o mundo.

A presente crise mundial, com fábricas fechadas, bancos falidos e crianças meio famintas, prova amplamente que não estamos bem habilitados para a difficil arte de adivinhar o futuro.

Afirmaram-nos que a produção seria estimulada por meio de novos sistemas e modernos métodos em todos os ramos da atividade humana, capazes de aumentar notavelmente a riqueza individual e coletiva, habilitando assim os devedores a pagarem aos credores com facilidade sempre crescente.

Foi justamente o oposto que, infelizmente, se deu. Com o passar dos anos, verificámos que o pagamento dos débitos, em vez de facilitado, se tornou cada dia mais difficil. E' inegavel que houve esforços para adopção de novos sistemas, mas, mesmo

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

quando davam resultado, era impossível colocar o aumento da produção.

O mundo economico estava atacado de dispepsia. Não podia mais respirar, e seus pulmões já não respondiam á flama vital.

Muitos anos, uma triste dezena dêles, foram necessarios para que aprendessemos a tragica lição de que uma grande nação levada á beira da falencia, muito provavelmente arrastará outras nações para o abismo.

Quando ocorreram os grandes desastres nas nações do Danubio, êles passaram quasi despercebidos, mas, não obstante, representaram um formidável choque para toda a Europa. Chegou a vez da Alemanha e não houve nação na Europa que não sofresse a reação dêsses infortúnios. E' essencial que a troca internacional de mercadorias e valores monetarios seja colocada sobre uma base de sã equilibrio.

Já se deu o primeiro passo nêsse sentido. Lausanne foi o primeiro marco fincado. Devemos agora dar novo impulso ao comércio e ás indústrias. Já limpámos as máquinas dos obstáculos

BENITO MUSSOLINI

que as impediam de funcionar e agora só resta fornecer-lhes a necessaria energia motora.

Deve ser lembrado que a Italia foi a primeira a estender mão amiga á Austria e aos outros pequenos Estados do Danubio, por ocasião das suas mais agudas necessidades. A renuncia da Italia ás reparações representa uma consideravel perda e um formidável vácuo no orçamento italiano, mas o meu governo entendeu claramente que, a menos que se eliminassem os obstáculos paralizadores do comércio, um perigo ainda maior surgiria para a Italia e para o mundo. Não nos movia um desejo egoista de lucros, mas visavamos o bem-estar da humanidade em geral. Êsse tem sido o constante objetivo da Italia e a pedra angular de sua política com relação ás reparações, aos débitos de guerra e ao desarmamento.

Seria um engano, por parte das nações, contar com as reparações de guerra, si, para recebê-las, têm necessariamente de paralizar o seu comércio. Quasi todos os países têm visto suas importações e exportações reduzidas de cinquenta por cento e até mais, em alguns casos. Imaginemos sómente a enorme perda de riqueza nacional causada por essa

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

estagnação, perda que teria sido suficiente para pagar os débitos de guerra e as reparações, vinte ou trinta vezes.

Quando reclamam que o contribuinte italiano terá que suportar a perda das reparações, eu replico: "E como poderão pagar si não ha rendimento proveniente de trocas comerciais?"

A taxaçoão depende necessariamente da prosperidade nacional e, quando esta não existe, aquela se torna o peso da opressão. E' muito preferivel que uma nação prospere sob o peso dos impostos, do que permitir que a sua vida comercial entre em declinio, enquanto espera o duvidoso pagamento de seus devedores.

A conferencia economica mundial a reunir-se no proximo outono terá sobre si uma ardua tarefa para completar o que já foi feito em Lausanne.

Esboçamos um plano para o acôrdo europeu sobre as questões que têm mantido êsse estado de estagnação ha dez anos. Rasga-se agora ante nós um caminho que conduz a uma mais ampla cooperação internacional. Nunca acreditámos na política de uma Italia isolada.

BENITO MUSSOLINI

As trocas devem ser aconselhadas e estimuladas, para que o mundo readquira a prosperidade ha tanto perdida. Discutir e resolver êsse problema e outro não menos importante, qual o do padrão ouro, será a tarefa da conferencia economica.

Qualquer projéto financeiro, ou ajuste, deve necessariamente incluir êsse ponto que é essencial e, digo mesmo, de vital importancia.

Quando os valores oscilam, o comércio se mostra tímido e retraído, evitando os riscos provenientes da flutuação dos valores cambiais. A inflação é apenas um paliativo agravante da situação, em vez de remediá-la; e não ha solução duradoura e prática do problema, enquanto o cambio monetario internacional não fôr firmemente estabelecido no padrão ouro.

Nota-se que, recentemente, não se passa uma semana sem que o livre movimento do comércio internacional não encontre novo escolho. Todos os meios têm sido imaginados em cada paiz para imobilizar o comércio dentro de suas fronteiras, mas o resultado colhido é apenas a estagnação. Tarifas,

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

proibições, restrições na transferencia de valores, o controle dos mercados e outras arbitrariedades medidas do mesmo jaez, devem ceder lugar á livre permuta de mercadorias e valores, si desejamos iniciar uma verdadeira reconstrução economica.

Si ainda permanece a suspeita de que a conferencia de Lausanne representa uma frente única europeia contra os Estados Unidos, tal suspeita deve ser terminantemente dissipada, como totalmente destituída de base.

Em Lausanne, a Europa ajustou assuntos de interesse puramente europeu, mas a conferencia mundial enfrentará problemas muito mais importantes, e é da cooperação da Europa e America que podemos esperar ver o mundo curado dos males que ora o afligem.

Seria impossivel conceber agrupamentos hostis, pois amarga experiencia nos tem ensinado que a mais urgente necessidade do mundo é a conjugação das forças internacionais trabalhando para um objetivo comum e para a eliminação dessa atmosfera de receio e desconfiança que tem prejudicado o ritmo economico.

BENITO MUSSOLINI

Não devemos esquecer-nos de que a prolongação da crise aumentará necessariamente o circulo de nações apreensivas e céticas quanto á conveniencia e eficacia das instituições políticas e sociais que ainda formam a base da civilização ocidental.

A PROXIMA CONFE-
RENCIA ECONOMICA
MUNDIAL

A comissão preparatoria da conferencia economica mundial terminou seus trabalhos em Genebra.

A opinião pública mundial teria acompanhado êsses trabalhos com maior interesse, si essas repetidas reuniões e conferencias não tivessem creado um sentimento geral de enfado e desconfiança.

A idéa dessa conferencia económica mundial partiu do primeiro ministro Mac Donald e não ha dúvida que, si êle a presidir, como eu ardentemente o espero, a conferencia dará os melhores resultados, tal como succedeu em Lausanne.

Chegou-se á conclusão de que a conferencia deve ser realizada em Londres. Quanto á data, ainda nada ha resolvido, embora pareça impossivel

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

marcá-la para antes de 15 de junho, época do pagamento á America por parte dos seus devedores da Europa.

Sómente depois de 15 de junho poderão ser discutidas as relações de débito e crédito entre alguns países europeus e os Estados Unidos.

A reunião de uma conferencia antes dessa data, teria, portanto, êsse assunto pendente sobre os seus trabalhos.

Depois de escolher o local e de marcar a data para a conferencia, ainda resta a questão de preparar o programa. Sobre êsse ponto os debates em Genebra foram acalorados e dramáticos.

Sobre assuntos monetarios e sobre o problema dos preços ha os dois seguintes pontos de vista antagonicos:

Um favoravel á inflação mais ou menos extensa com consequente depreciação das moedas ainda baseadas no ouro.

O segundo opõe-se a qualquer inflação, alegando que o maior ou menor volume de papel moeda em circulação nada mais produziria do que um efêmero alívio, seguido de crise ainda mais profunda e de mais sérios desastres.

BENITO MUSSOLINI

O cerrado combate entre moeda ouro e moeda papel terminou com a vitória do ouro, fato que não só está conforme á doutrina, como também confirmado pela experiencia, mais ou menos trágica, por que têm passado muitos povos da Europa em nossos tempos.

A conclusão é que o ouro não póde ser abandonado e que é necessario voltar a êle si quizermos estabelecer uma das condições essenciais á restauração das trocas internacionais.

O programa traçado pela comissão preparatoria já havia sido aprovado na sessão de primavera do Grande Conselho fascista em 1932. Posso afirmar com relação a isso, que lenta e tardiamente, os homens e as opiniões trilham os caminhos que vamos desbravando, embora o momento não seja apropriado para nos orgulharmos dessa antecipação e prioridade.

O ponto primacial é que a conferencia realize seus objetivos.

Realizá-los-á? Tudo depende do método de seus trabalhos e dos homens que nela participarem.

Seria inutil mencionar ainda a crise, suas causas e seus efeitos.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Já se disse a êsse respeito o suficiente, e o mundo está perfeitamente informado sobre tal assunto. O mais modesto homem das ruas possui conhecimentos até de questões financeiras que outróra eram territorio proibido aos não iniciados.

O desemprego incita a intelligencia. Não ha nada mais a aprender quanto aos "remedios". A questão está em aplicar êsses remedios, isto é, em agir. Passou a época das "recomendações" e das "sugestões". Urge decidir e assumir a responsabilidade dessa decisão.

Isso deve ser mais de origem "política" do que economica. O problema póde e deve ser resolvido exclusivamente por métodos políticos.

Presumo que á conferencia de Londres compareçam chefes de gabinetes e ministros responsaveis, que, uma vez aprovadas as decisões pelo consentimento comum, devem solenemente garantir sua materialização, mesmo contra a opinião das assembléas parlamentares, por mais voluveis ou controlaveis que sejam.

Si, entretanto, seguirem um criterio diferente, a conferencia de Londres virá engrossar a já longa lista das reuniões inuteis e quiçá nocivas.

BENITO MUSSOLINI

Além do problema dos débitos inter-governamentais, outra questão ha que influenciará, em sentido positivo ou negativo, os resultados da conferencia económica mundial. Refiro-me ao desarmamento.

O desarmamento, mais do que a redução de armamentos, é outro fator que poderia auxiliar a resolver a crise ou torná-la ainda mais complicada e grave. As expectativas nada têm de risonhas. Devo convir, e o faço com a maior satisfação, que o presidente da conferencia de desarmamento, Sr. Arthur Henderson, envidou seus melhores esforços como convicto defensor da necessidade de redução de armamentos.

Mas já um ano decorreu desde então e a náu do desarmamento continúa desarvorada e mui distante do porto.

Depois do "Plano Construtivo" da França, varios outros surgiram e agora temos um projeto inglês, mas todos os esforços têm sido baldados para harmonizar os diferentes pontos de vista e fazê-los convergir para uma só direção.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Entrementes, doze mezes se passaram, desde que as delegações de sessenta países se reuniram em Genebra.

O tempo decorrido em vão, enquanto a guerra campêia no Extremo Oriente e na America do Sul, justifica a attitude dos cétricos e pessimistas. Tornou-se evidente que o exito da conferencia economica mundial se relaciona com o da conferencia do desarmamento.

Si a conferencia de Londres se reunisse após a discussão dos débitos, depois de haver a questão do desarmamento atingido a um estagio concreto em que as perspectivas de exito se tornassem mais brilhantes, a restauração economica, que já reponta ali e acolá, tomaria proporções mais amplas e animadoras.

Ação e firmeza de resolução são os primeiros requisitos dos estadistas hoje em dia. Tem-se a impressão de que ha sempre um país á espera de resultados de eleições, o que impede a continuidade de sua política. A premencia dos problemas que defrontam o mundo exige uma política definitiva, e, logo que esta seja firmada, deve ser executada com firmeza, até que nos possamos considerar sal-

BENITO MUSSOLINI

vos dos desastres acumulados durante êstes últimos anos.

Parece-me que a opinião pública internacional se vai lentamente cristalizando no desejo de enfrentar certos problemas essenciaes com um espirito de cooperação. Desde que o público internacional se mostra cansado de expectativas, os estadistas fariam melhor decidindo que suas constantes protelações e indecisões chegaram ao maximo que se póde suportar, e que o mundo, farto de sofrer, deseja alívio. De toda parte clamam pelo restabelecimento e todos sabem que êsse se acha impedido pela demora em atingir as soluções essenciaes.

Tenho a certeza de que, si todos abordassem a situação internacional com franqueza e decisão iguais ás da Italia, entrariamos francamente no caminho do restabelecimento económico e as engrenagens novamente entrariam a girar. A maior necessidade actual é de homens firmes e decididos que conheçam o caminho a seguir, que o saibam traçar e, uma vez traçado, por êle enveredem.

A situação internacional está entulhada de homens que jamais souberam o que realmente

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

querem e o de que realmente seus países necessitam. A contínua estagnação e o sofrimento do mundo cedo haviam de ensiná-los.

A Italia fascista tem seus pontos de vista próprios para todos êsses grandes problemas. Por intermedio de seus representantes na conferencia preparatoria de Genebra, a Italia afirmou que já é mais do que tempo de passarmos do armistício á paz.

O armistício dura ha quinze anos e oferece, como todos os armistícios, uma simples, porém, terrível alternativa: ou continuar a guerra, ou firmar a paz.

O fato de haver muitos homens com os nervos gastos pela crise, e que se horrorizam á idéa de uma nova guerra, prova que êsse longo armistício tem creado uma profunda inquietação na alma da humanidade. Êles constituem a esperança dos desesperançados.

Mas êsse calamitoso estado de espirito, que é muito mais generalizado do que se poderia supôr, coloca os dirigentes das nações sob definida responsabilidade perante Deus, perante os homens e perante a História.

A CONFERENCIA ECONOMICA DE LONDRES

A Conferencia de Londres teve inicio com tantas esperanças que pôde ser considerada virtualmente terminada.

Creio tambem que, com a Conferencia de Londres, terminou êste sistema de reuniões.

Não é justo dizer-se que tal sistema de Conferencias nasceu depois da grande guerra. Mesmo antes desta, houve grandes e memoraveis conferencias onde eram debatidos problemas europeus e mundiais de grande importancia. Porém, essas conferencias foram raras.

Eram minuciosamente preparadas por vias diplomaticas normais e limitavam sua discussão a um ponto previamente descrito para não transtornar o universo. Além disso, eram limitadas quanto aos

participantes e aos países diretamente interessados no assunto.

O modo de proceder atual é absolutamente erroneo. As conferencias não são previamente preparadas. A de Londres culminou na falta dêste preparo prévio.

Quando uma conferencia tem em seu seio representantes de vintenas de nações, adquire inevitavelmente o aspecto de um parlamento com todos os inconvenientes geralmente conhecidos e deploraveis do mesmo.

Como poderemos ter ilusões sobre o resultado de uma conferencia á qual compareceram 2 mil representantes de mais de sessenta países?

E' uma pretensão extrema ou um convencionalismo falso queimar incenso deante de uma igualdade democratica, que não existe na natureza nem existiu jamais em nenhum periodo da história. Em vez de convocar vintenas de países cujas circunstancias não têm grande influencia em determinar o curso da vida, seria muito melhor convocar os países que têm interesses mundiais e que não perfazem mais que uma dezena.

Quando êstes países chegam a um acôrdo de paz económica, êste acôrdo afeta pelo menos 75 % da população total do globo. Êste fáto devia ter tido repercussões efetivas mesmo nos países de menor importancia.

Dizendo isto, não tenho o desejo de diminuir a importancia de certos estados. Quero apenas dizer que êstes estados têm interesses legitimos, si bem que limitados, e pôdem ser atendidos de uma maneira apropriada si os grandes êstados, que têm responsabilidades maiores e maior número de habitantes, entrarem previamente em acôrdo.

Por outro lado, as conferencias estão destinadas a fracassar porque se junta um excessivo número de delegados e ha sempre incerteza a respeito do programa.

Em tais casos elas se transformam, pois, em discussões academicas. Foi isto que occorreu em Londres, onde a inconsistencia do trabalho provocou, depois de tantas esperanças e apesar dos esforços tenazes do Primeiro Ministro Mac Donald, um descontentamento universal.

Além disso, estas conferencias não chegam a determinar responsabilidades precisas. Não têm

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

homens que tomem decisões mas, apenas, homens que falam, argumentam e informam os seus respectivos governos. Por êste motivo, em vez de tomarem decisões fazem “recomendações”, que quasi nunca são tomadas em consideração.

Duas conferencias estão atualmente em agonia e não serei eu que vá profetizar o milagre de que elas voltarão á vida. Êstes dois notaveis fracassos na política europeia são: — A Conferencia de Londres e a de Genebra. Sem o pacto das quatro potencias, a Europa se encontraria á beira do abismo, isto é, ante o definitivo perigo da guerra. Com o pacto das quatro potencias a Europa póde, enfim, respirar. Ha em toda a Europa um sentimento de alívio, si bem que não se notem sinais precursores de uma restauração economica.

O pacto das quatro potencias, de fáto, antecipou o fracasso eventual das duas conferencias e ajuntou a promessa dos quatro países sinatarios do mesmo de colaborar na questão do desarmamento e no campo economico.

Conforme disse em meu discurso no Senado, em 27 de junho último, não devemos ter, mesmo no que diz respeito ao pacto das quatro potencias,

BENITO MUSSOLINI

ilusões excessivas. A importancia do pacto das 4 potencias consiste em impedir a formação de grupos antagonicos na Europa. Significa tambem que os quatro países da Europa ocidental com as suas colonias, isto é, uma terça parte da população do globo, têm uma possibilidade de colaborar no anelo de paz.

Esta colaboração não será sempre fácil, mas contará com um melhor ambiente, pois é inegavel que o ambiente europeu melhorou muito nestes últimos meses.

A idéa de que durante dez anos a Europa se manterá tranquila constitue um incentivo poderoso para melhorar a situação geral.

Não se reuniram dois mil delegados para discutir, mas tão sómente os responsaveis das quatro unidades. O seu trabalho foi preparado previamente pelas chancelarias e por meio de contratos officiais.

Creio que para o prestigio moral e político das nações seria recomendavel diminuir o número de conferencias.

Durante alguns anos a palavra “conferencia” devia desaparecer do dicionario da política contem-

poranea internacional. Deve ser esquecida, pois só com a abstinencia se corrige um abuso. Eu tenho tido curiosas experiencias politicas a este respeito.

A idéa da conferencia está desacreditada. Dentro de poucos anos, será novamente interessante e poderá ser util, si bem que se deva limitar a determinados problemas e países, particularmente si a conferencia fôr destinada a consumir de forma solene os acôrdos feitos com autoridade.

Trata-se de corrigir abusos da degeneração da democracia erronea, segundo a qual os pilotos não são os dirigentes dos navios, e sim os ignorantes que nem sequer sabem ler o compasso.

E' tempo de falar e de dizer que êstes sistemas levam os Estados a uma ruína certa e, com os Estados, os povos seguirão o mesmo caminho. Esta é a parodia que a democracia atual nos apresenta.

Em certa ocasião, respondendo a uma pergunta do grande sociologo Gustavo Le Bon, defini a democracia do seguinte modo:

"E' a doutrina de um regime no qual se dá ao povo a ilusão intermitente de ser soberano".

Assim, em Londres, intentaram crear, perante uma multidão de homens mais ou menos preparados, a ilusão de que era possivel dirigir os destinos da humanidade.

A democracia póde, apenas, pensar. Vive pelas palavras e para as palavras. Em tempo de crise, porém, o povo não deseja propaganda. O povo quer ser mandado. O tempo gasto em discussões inuteis deve ser preenchido pela obediencia. A história, ainda neste caso, é o mestre, mas os homens são quasi sempre muito negligentes, podendo ser considerados como discipulos incorrigiveis.

AS ESPERANÇAS DO
DESARMAMENTO

O mais importante acontecimento da política internacional, hoje, é o pedido formulado pelo governo alemão às chancelarias da Inglaterra, França, Italia e outros países menores interessados para que lhe seja concedida a igualdade jurídica na questão dos armamentos.

Esse pedido foi previamente anunciado em entrevistas e declarações feitas pelo ministro da Guerra da Alemanha, General Kurt von Schleicher, que se evidencia como um notavel homem de decisões e o mais autoritario do governo do chanceler von Papen.

Isso não deveria ter causado demasiada surpresa. Ao contrario, a julgar pela attitude da imprensa, a opinião pública franceza levantou-se una-

nimemente contra a pretensão da Alemanha. A opinião inglesa encara com simpatia o pedido dos alemães.

Em momentos como este, torna-se necessario mostrar calma e demonstrar que os impulsos sentimentais derivados da guerra, embora dignos de respeito, são serodios e intempestivos e não devem de modo algum influir sobre a fria razão, mórmente quando se nos depara uma nova situação.

Essa nova situação começou no dia em que a Alemanha foi admitida como membro da Liga das Nações e recebeu imediatamente assento permanente no conselho da Liga, como era logico, em virtude de sua importancia.

Dêsse momento em diante, ficou universalmente reconhecida a igualdade juridica da Alemanha, igualdade com as demais potencias em questão de direitos e deveres.

Houve também Locarno, quando a Alemanha e a França foram assistidas e garantidas em suas decisões pela Inglaterra e pela Italia. E' evidente que a garantia oferecida por estas duas últimas potencias, — á Alemanha em caso de agressão por

parte da França, e á França na hipótese contraria —, significava que a Alemanha e a França se achavam em pé de igualdade, a saber: tinham ambas o mesmo dever de não agressão, e o mesmo direito de serem defendidas no caso de agressão.

Êsses precedentes devem ser lembrados para podermos fixar a posição historicamente certa e politicamente logica do problema.

Entretanto, a despeito da admissão da Alemanha na Liga das Nações, do Pacto de Locarno e mesmo do Pacto Kellog, a Alemanha encontra-se ainda em uma posição de inferioridade.

Ela foi praticamente desarmada como consequencia das clausulas do Tratado de Versalhes que lhe impuzeram um modesto "status" militar, apenas sufficiente para a defesa e conservação da ordem interna.

Mas, no mesmo Tratado de Versalhes, o desarmamento da Alemanha devia ser o preambulo da redução geral dos armamentos ao mesmo nivel da Alemanha. Essa solene obrigação até agora não foi cumprida.

O trabalho da comissão preparatoria de desarmamento durou cinco anos. A Conferencia do

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Desarmamento durou cinco meses. Foram proferidos para mais de cem discursos, e os relatórios impressos atingiram á altura de um arranha-céu como o Empire State Building de Nova York.

Mas dessa colossal montanha apenas emergiu o ratinho da resolução de suspensão da conferência, sem que esta nem ao menos tomasse em consideração as propostas precisas, práticas e efetivas apresentadas pelo ex-ministro do Exterior da Italia, Dino Grandi.

Não é necessario declarar que, pelo menos na sua primeira fase, a Conferencia do Desarmamento foi um fracasso.

A verdade é que nunca houve tanto retinir de armas e tanto movimento de homens armados na Europa como nos meses decorridos entre a suspensão e a reabertura da Conferencia do Desarmamento em Genebra.

O desapontamento é geral, mas na Alemanha foi muito maior, pois ali ficou bem evidenciado que os sinatarios do Tratado de Versalhes, com exceção da Italia, não tencionavam iniciar a política de um desarmamento real, e, portanto, não cumpriam o Tratado.

BENITO MUSSOLINI

A origem e justificação do que a Alemanha agora pleiteia, repousam, de fâto, no fracasso da Conferencia de Genebra, que tende a perpetuar a disparidade de direitos entre a Alemanha e os outros países.

Defronta-nos um grave dilema. O General von Schleicher declara que, si não for reconhecida a paridade de direitos, a Alemanha não tomará parte na nova fase da Conferencia do Desarmamento.

A retirada da Alemanha teria como resultado a paralisia definitiva e o adiamento "sine die" da Conferencia do Desarmamento.

Seria tambem um golpe mortal contra a Liga das Nações, ultimamente já tão comprometida pela atitude do Japão e pelas restrições da Italia.

Podemos ter a certeza de que a Alemanha não póde ficar eternamente indefeza no meio de nações armadas, a não ser que essas nações se decidam a se desarmarem, conforme o prometeram no Tratado de Versalhes.

Temos inevitavelmente de encarar a alternativa de uma segurança geral para todas as nações

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

baseada na fixação do máximo de seus armamentos, ou contrariamente, como assinalai em meu discurso ao Senado italiano em junho de 1928, na fixação do mínimo.

Será sómente insistindo em um padrão mínimo de armamentos que se tornará possível chegar ao desarmamento real e não pelo método oposto.

Consequentemente, si o padrão dos armamentos não fôr baixado, a Alemanha está no direito de aumentar o seu armamento.

Essa igualdade de direitos não póde ser negada, porque, si tal se dêsse, a Alemanha ficaria colocada em categoria inferior entre as potencias, isto é, entre as nações que não gozam de ampla soberania politica e militar.

Para evitar a ausencia da Alemanha na Conferencia do Desarmamento, seu direito á igualdade juridica deve ser inevitavelmente reconhecido.

Deve ser esclarecido desde já que é do interesse supremo da Alemanha, ao defrontar todas as nações da Europa, a America e a opinião mun-

BENITO MUSSOLINI

dial, fazer um uso moderado dessa igualdade de direito e fazê-lo quando a Conferencia do Desarmamento estiver funcionando ou houver concluido definitivamente os seus trabalhos.

A Alemanha deve dar provas da sua grande sabedoria. Não repetir os erros "psicológicos" que lhe têm custado mais caro que muitas batalhas. Deve mostrar seu desejo de paz, e a têla a ser enquadrada na moldura que representa a fórmula "igualdade de direitos", deve ser de proporções que não perturbem a já assaz conturbada espécie humana.

Quando a Alemanha tiver obtido a paridade juridica, terá que mostrar ao mundo sua moderação, sua prudencia, seu real desejo de paz e colaboração.

Si a Conferencia do Desarmamento fracassar, a nova organização das forças militares da Alemanha deverá ser proporcionada a êsse fracasso, e, de qualquer modo, deverá resultar de uma convenção entre as potencias interessadas, convenção a que a propria Alemanha não se mostra contrária.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Imaginar que o curso da história pode ser detido, é o mesmo que supôr ser possível restringir eternamente um povo altamente civilizado, como o alemão, que, depois dos russos, constitue a mais populosa nacionalidade da Europa. Isso não passa de uma ilusão ruínosa.

Não se podem rasgar as veredas do futuro, apegando-se eternamente ao passado.

A DESILUSÃO DO DESARMAMENTO

A atmosfera lírica que envolvia a Conferencia do Desarmamento no agora distante mês de fevereiro de 1932 evaporou-se completamente.

Os primeiros oradores, naquê tempo, discursavam como profetas inspirados e havia grandes esperanças entre os povos. Tudo isso se desvaneceu com o decorrer dêstes inúteis vinte meses.

Os oradores emudeceram. Nada tão significativo como essa grêve da eloquência da Liga das Nações, ocorrida em Genebra desde alguns dias. Das vinte e duas delegações reunidas no "Batiment Electoral" nenhuma teve qualquer coisa para dizer.

O material do Parlamentarismo anda escasso, mesmo nessa especie de super-Parlamento em que

se converteu a assembléa anual da Liga das Nações. Os povos já não esperam um milagre. Ficarão contentes si alcançarem um acôrdo. Da poesia que suscitava esperanças baixámos á prosa, editada por estadistas escorados em peritos.

Deve-se tomar nota dessa nova situação. A nau do desarmamento ainda se acha distante do porto e poderá continuar desarvorada por um novo periodo de duração imprevisível.

Quais as causas dessa situação? A primeira, de carater geral, é representada pelas extremas dificuldades e complicações do problema. O famoso Tratado Naval de Washington envolvia apenas cinco potencias e, entretanto, não foi facil de concluir.

O eventual acôrdo sobre o desarmamento deveria obter a adesão de todos os países representados na Liga das Nações, bem como a aceitação por parte dos que, como os Estados Unidos e a Rússia, não são membros do Instituto de Genebra.

O segundo motivo é constituído pelas diferenças no carater militar de cada país. Ha nações que são precipuamente navais, como a Inglaterra e

os Estados Unidos. Outras ha preferentemente terrestres, como a Rússia. Ha ainda outras possuidoras de impressionantes forças terrestres, navais e aereas.

Dáí decorrem logicamente as diferenças na apreciação do problema. Em regra geral, as nações mostram-se cordatas quanto aos armamentos tidos como secundarios em suas organizações militares, tornando-se intransigentes no caso oposto. E' claro e logico que a Inglaterra há-de encarar seus armamentos navais de modo muito diferente do que quanto se tratar de suas forças de terra.

Além diisso, paralelamente aos problemas estritamente militares, ha tambem os problemas designados "marginais", tais como as organizações formadas antes e depois do serviço militar, as reservas treinadas e os contingentes coloniais. Tudo isso agrava a complexidade do problema. Talvez o problema haja sido proposto em aspectos demasiadamente amplos.

Houve uma tentativa para se chegar a um acôrdo geral sobre o desarmamento, quando a verdade é que não ha uma questão de desarmamento.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

mas apenas de redução e ajustamento, considerando-se que ha um limite dessa redução que nenhum país poderá ultrapassar sem se expor a serios perigos.

Depois de ter sido a Conferencia de Desarmamento colocada sob a competencia da Liga das Nações (e talvez não fôsse possivel de outra qualquer maneira), tornou-se evidente que o maior ou menor prestígio da Liga seria mais ou menos beneficiado pelo curso dos acontecimentos.

E' fáto que o prestígio da Liga tem recebido violentos golpes durante êstes últimos vinte meses.

O Japão retirou-se e sua attitude permanece como fator desconhecido, mesmo na eventualidade de uma convenção. O conflito cronico entre a Bolivia e o Paraguai foi praticamente subtraído á jurisdição da Liga. Tudo isso serviu para sobre-carregar as asas da pomba de Genebra.

Mas êstes e outros motivos, que calamos para não ir demasiado longe, não seriam suficientes para explicar os parcos e negativos resultados do trabalho. O escopo, apesar de tudo, poderia ter sido alcançado si houvesse outro fator de caráter polí-

BENITO MUSSOLINI

tico e moral; principalmente uma compreensão reciproca e confiança mutua entre as nações. E' isso que falta e seria uma ilusão tentar obscurecer êsse fato.

Não existe um sentimento favoravel entre os executores dos tratados e os que são forçados a aceitá-los. Para ser mais objetivo: Os Estados vencidos têm bem fundados motivos para isso, dêsde que o Tratado de Versalhes decretou o desarmamento gradual para os vencedores, que se comprometeram a executá-lo.

Isso não se deu. Alguns países afirmam que isso não póde ser feito em virtude da nova situação creada na Europa. Entretanto, nêsse meio tempo, a Alemanha foi aceita como membro da Liga e tem assento permanente no Conselho; os pactos de Locarno foram concluidos com a assinatura da Alemanha; reconheceu-se á Alemanha o direito á paridade de armamento em dezembro de 1932 e, finalmente, assinou-se o pacto quádruplo.

A nova situação era apenas "potencial" em 1932, ao ser reconhecido o direito de paridade.

Tornou-se situação “de fáto” este ano, quando foi assinado o pacto quádruplo.

Agora é difícil sustentar a tese da discriminação a respeito da Alemanha, e, por outro lado, não se póde deixar de considerar o interesse dos outros, pelo menos sob o aspecto psicologico. Para vencer êsse duplo obstáculo não adiantei propriamente um plano de convenção, como se disse, mas uma série de sugestões para chegar a resultados práticos, embora limitados.

Essas sugestões foram objeto de ativas conversações diplomaticas, tanto em Roma como em Genebra, e poderiam conduzir a um acôrdo si fosse possível vencer o fator “moral” — que cada um suspeitava e desconfiava do outro.

A França já possúe formidaveis elementos para sua “segurança” representados por seu aparelhamento militar, tanto movel como fixo, e pela tradição e pela moral do seu exército e seu povo, sempre obedientes ao toque de reunir, em caso de ataque á pátria. Nêsse caso, os sinatarios de Locarno entrariam tambem em função.

A Alemanha, a despeito de certas manifestações extemporaneas por parte do chamado “*unterfuhrer*”, externou-se oficialmente em 17 de maio por intermedio do seu chanceler e não póde pensar em guerra, sob pena de uma nova e irreparavel catástrofe.

O nazismo está por demais assoberbado de problemas domesticos para pensar em aventuras de natureza militar. Sómente removendo os obstáculos de natureza moral, será possível chegar (mesmo na base da garantia firmada no preambulo do pacto quadruplo) a um acôrdo substancial entre as teses alemã e francesa, e, portanto, realizar um acôrdo preliminar do desarmamento, que não viria transformar o mundo, mas constituiria o primeiro passo de longa e ardua jornada.

Para se apreender toda a gravidade e delicadeza do assunto, torna-se tambem necessario considerar a hipótese desfavoravel, isto é, o fracasso, mais ou menos elegantemente disfarçado pela conferencia.

Nêsse dia, a Liga das Nações teria praticamente cessado de existir. Novos grupos de Estados se

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

formariam, as divergências tornar-se-iam imediatamente agudas e uma era de terríveis incertezas, mesmo de caráter social, teria início na história européa e mundial.

Por essa razão, a despeito de tudo, um acôrdo será concluído.

O SIGNIFICADO DE UMA ELEIÇÃO

PELO resultado das eleições americanas podemos prontamente deduzir que o dia 8 de novembro não marcou apenas uma simples mudança na administração dos Estados Unidos. Algo de mais importante ocorreu. Foi uma demonstração decisiva de que o povo norte-americano pensa, não superficialmente, mas séria e profundamente, ser necessario uma completa mudança de rumo.

O total dos votos recebidos pelos dois principais candidatos mostra que o desejo de uma mudança se transformou em profunda ansiedade, e que desta vez a política não foi mais considerada como coisa de somenos para ser delegada a outros, mas uma parte essencial da vida do país.

O vertiginoso número dos que votaram e o igualmente vertiginoso número revelado pelas mul-

tidões que desejavam uma completa mudança, provaram que os interesses envolvidos nas eleições haviam calado fundo na conciencia nacional. Daí resultou a decisão da massa em uma determinada direção.

Eleições governamentais em que a decisão popular é expressa de modo tão categorico, tem para a nova administração duplo significado.

Primeiro, ela sente-se prestigiada pela confiança popular em sua habilidade de governar, sua posição é segura, não está sujeita aos desejos de grupos ou tendencias, pois possui o mandato de quasi toda a população.

Segundo, sua responsabilidade é maior, mas em compensação dispõe de maiores possibilidades.

O sistema americano da eleição do presidente por um periodo de quatro anos tem a vantagem de permitir que se tome a carga e se execute uma política, ao contrario do que se dá com o sistema europeu, sujeito a súbitas mudanças, a curtos periodos de administração, a cada momento ameaçada de queda.

Póde-se talvez afirmar que os governos hoje defrontam situações mais dificeis do que em outra

qualquer ocasião de após-guerra. Isso é tanto mais verdade quando se trata da situação dos Estados Unidos.

O seu problema interno económico é talvez o mais agudo de todo o mundo. A gigantesca máquina industrial e financeira tem de ser posta novamente em movimento; a energia necessaria para dar movimento inicial a um maquinismo que estava quasi em inercia, requer um longo e paciente esforço antes que se consiga atingir á marcha normal.

Mas em que posição as novas eleições colocaram os Estados Unidos em relação ao resto do mundo?

A política tradicional norte-americana tem sido de alheamento dos negocios europeus. De fáto, durante êste periodo de após-guerra, essa política tem sido observada quasi ininterruptamente, excéto quando se tratava de movimentos internacionais em que os Estados Unidos eram profundamente interessados.

Temos, portanto, presenciado durante todo êsse periodo um esforço conciente para ficar completamente isolados da Europa, o que aliás não tem impedido que os Estados Unidos hajam participado

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

de varias conferencias mundiais, tendo até sido êles que convocaram a conferencia de Washington.

Além disso, temos testemunhado sua promoção e participação na conferencia de Londres e na conferencia de desarmamento. Para esta última, os Estados Unidos contribuíram ponderavelmente, enquanto que naquela, sua ação foi instrumental, controlando os navios da Inglaterra e do Japão em equilibrio com os seus.

Por outras palavras, os Estados Unidos sempre estiveram prontos para participar de qualquer movimento em prol da tranquilidade mundial ou de ajustes, desde que se convencessem de que isso era um dever imposto por necessidade política ou pelo equilibrio económico.

Quanto mais observamos a presente crise, mais nos convencemos de que ela resulta da situação mundial. E as razões para isso são várias e complexas. Em artigos precedentes tive ocasião de examinar êsse assunto.

Ha uma coisa certa: a depressão é um problema que aféta a todas as nações, em vista da moderna organização comercial e financeira. Temos procurado combater a depressão de muitas

BENITO MUSSOLINI

maneiras, mas nenhuma nação conseguirá resolver êsse problema completamente sem ajustar suas relações com os vizinhos.

Os Estados Unidos são dos países do mundo o que mais se basta a si mesmo. Si qualquer grande nação pudesse fechar-se dentro das suas fronteiras, e prescindir das outras, essa nação seria a República Norte-americana. Ela possui tudo ou quasi tudo. Si todas as nações tivessem de se isolar de seus vizinhos, os Estados Unidos, melhor que qualquer outro país, o poderiam fazer; dados os seus recursos, seriam os que menos haviam de sofrer.

Entretanto, mau grado tão obvia verdade, verificamos que nos Estados Unidos a crise tem sido mais profunda do que em outra qualquer parte. Ali o sofrimento tem sido maior e o número de desempregados é proporcionalmente maior do que nos demais países. O isolamento completo ou mesmo parcial é, portanto, impossível no mundo moderno.

Temos falado bastante em preços mundiais, mercados mundiais e economia mundial, para já sabermos quanto dependemos uns dos outros; qual-

quer sugestão, pois, sobre isolamento ou modificação de isolamento será nociva, si desejarmos viver em um razoavel estado de prosperidade e cada qual com sua participação no comércio internacional.

Presentemente, cada país manobra contra os outros as suas tarifas, quotas e demais impecilhos comerciais. O único meio de melhorar a situação será pôr em prática um melhor espirito de cooperação no mercado internacional.

O meu govêrno tem sido desde o início contrário ao sistema de tarifas protencionistas. E' atualmente obsoleto, porque o mundo depende dos produtos de todas as nações e si não encontrarmos em um país aquilo de que precisamos, encontraremos em outro. A loucura da proteção tarifaria atingiu ao extremo. Em todo o mundo tem-se levantado barreiras alfandegarias.

Ninguém poderá negar a pujança e a força da potencialidade comercial norte-americana em seu pleno desdobramento. Mas o sistema de vender tudo e não comprar coisa alguma, tem dado e continúa dando os mais desastrosos resultados.

Ninguém contesta aos Estados Unidos sua habilidade para a conquista comercial do mundo, si assim o desejassem. Mas isso redundaria em seu prejuizo, porque, aniquilando o comércio das demais nações, onde iriam os Estados Unidos encontrar mercados com capacidade para comprar? Quer isso dizer que a propria mão que esmagasse os concorrentes se voltaria contra os Estados Unidos para castigá-los, roubando-lhes os mercados.

Os Estados Unidos estavam entregues a essa politica quando foram surpreendidos pela crise. Agora as muralhas das tarifas das demais nações levantam-se contra a America do Norte. Só com o abaixamento geral das tarifas poderá ser iniciado o restabelecimento mundial. As correntes comerciais não podem ser detidas por barreiras artificiais, que não levam em conta a capacidade de uma nação para vender ou comprar e que agravam os sofrimentos do comprador e do vendedor.

O comércio internacional não póde encaminhar-se por um ato legislativo unilateral. As nações devem realizar entendimentos mútuos. Temos visto que as nações erguem barreiras tarifarias contra si mesmas. Os Estados Unidos já compreenderam

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

não ser de sã economia querer uma nação ser exclusivamente vendedora e todas as outras compradoras.

Devemos promover tratados comerciais que garantam a circulação do comércio, de modo que as mercadorias sejam colocadas onde sejam necessárias, estabelecendo-se uma permuta satisfatória para todos.

Essa é a presente necessidade internacional. O comércio e o intercambio comercial devem ser restabelecidos, mas isso só se tornará possível mediante entendimentos recíprocos. Essa é agora a mais ampla esfera em que os Estados Unidos desenvolverão a sua influencia. Os seus esforços para esmagar o comércio mundial não deram bons resultados, mas a inauguração de uma política de cooperação e colaboração será fecunda em mésses.

ROOSEVELT E O FASCISMO

DEPOIS de ler cuidadosamente as 257 páginas do livro do Presidente Roosevelt “Olhando para o futuro” e depois de o colocar em um dos arquivos de minha biblioteca, afim de utilizá-lo mais tarde como ponto de referencia, veio-me á mente a pergunta que formulei ao regime que prevalecia em Roma, em 16 de outubro de 1932:

“A crise que estamos atravessando ha quatro anos, é uma crise dentro do sistema ou uma crise do sistema?”

Como responde o Presidente Roosevelt a esta pergunta vital?

Sómente lá pela pagina 247 do seu mencionado livro parece dar uma insinuação de que esta crise não é devida á revolução usual do ciclo das

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

crises, mas uma crise constitucional, quasi uma crise da civilização.

“Si”, disse o Presidente Roosevelt, “a nossa presente ordem social há de subsistir, deve mostrar-se á altura dos nossos serviços e abnegados sacrificios e das vidas daquêles que nos precederam. E esta demonstração deve ter lugar nos anos subsequentes. Devemos reconhecer que tem havido profundas modificações nas forças economicas do mundo, e isto dentro de um espaço de tempo muito diminuto”.

A meu vêr, parece-me um fáto eloquente que o Presidente Roosevelt tenha suas dúvidas sobre a duração do presente sistema econômico, porém todo o texto do seu livro — que desperta tremendo interesse ao leitor — mostra que para Roosevelt a crise se faz “dentro” do sistema.

O Presidente Roosevelt abandonou já de uma maneira decisiva as medidas economicas classicas dos liberais. Volveu seus olhos para a escola de “Laissez Faire, Laissez Passer”. Disse que “Laissez Faire”, fez com que os Estados Unidos sofressem a dominação oligárquica feita por algumas centenas de pessoas, em prejuizo de todo o povo, o qual, no

BENITO MUSSOLINI

fim de um periodo de perigosas ilusões, se viu á beira de um abísimo economico e de uma catástrofe social.

O respeito pela propriedade privada está bem, disse Roosevelt, porém o exercicio do direito da propriedade privada não póde ser separado dos interesses do publico em geral.

O reconhecimento da iniciativa individual é uma grande coisa, porém êste individualismo não deve ser de modo algum uma fonte de miseria, e deve ter sempre em vista o consumidor, o operario e o participe.

O Presidente Roosevelt está de acôrdo com o principio da competencia livre, porém, em tempos de crise, o sistema dessa competição livre não deve funcionar.

Tambem está de acôrdo com que o Estado não se converta nem em diretor nem em capitalista, porém, em alguns ramos da atividade pública, tais como a produção da energia elétrica, acha que o Estado póde assumir direta ou indiretamente o papel de administrador da empresa.

A tradicional posição de liberalismo econômico que se opõe á legislação social é repudiada por

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Roosevelt, o qual declara que, nos tempos que correm, o Estado deve agir quando ha falta de trabalho para os operarios e, ainda mais, preocupar-se com os casos de accidentes da velhice dêstes mesmos trabalhadores.

O presidente norte-americano declara que esta gradual extensão nas atividades sociais por parte do governo é inevitavel e benéfica. O seu exito depende da maneira e do cuidado com que for organizada.

Por conseguinte, o governo de Roosevelt é, a meu ver, decididamente intervencionista no campo economico.

De acôrdo com o presidente americano, os directores das grandes empresas e o público em geral devem pensar em trabalhar não como indivíduos, porém como parte da grande estrutura social da nação.

Esta intervenção do Estado, que Roosevelt defende e aplica, é transitoria, isto é, limitada á duração da presente crise, ou será mantida permanentemente?

O prefacio e muitas paginas do livro do Presidente Roosevelt fazem com que o leitor chegue á

BENITO MUSSOLINI

conclusão de que o autor não se opõe a que o Estado intervenha em materias economicas de uma maneira cauta e sistematica.

Com efeito, o mesmo autor diz “favorece a estrutura economica, não só durante êste periodo como tambem em beneficio das nossas necessidades no futuro”.

No transcurso do seu livro, o Presidente Roosevelt dá-nos uma definição de sua política de intervenção em um programa que compreende a agricultura — sempre presente em seu pensamento — serviços públicos, transportes, atividades bancarias, tarifas e relações internacionais.

Contra a oligarquía economica, que é tratada por Roosevelt com a citação de sensacionais casos de escandalos, propõe: — “Uma declaração económica de direitos e ordem economica constitucional. Esta é a tarefa ordinaria de estadistas e homens de negocio. É um requisito minimo para uma ordem social mais permanente e segura.

Felizmente os tempos indicam que crear uma ordem de tal natureza não é apenas a política apropiada aos governos porém o unico caminho seguro da nossa estrutura política.”

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Uma outra asserção que dá ao leitor motivo para pensar e que se adapta á realidade, de mostrando que o presidente americano não se acha mais ligado aos dogmas do liberalismo económico, é a seguinte:

“Sabemos que a liberdade e felicidade individuais não significam nada, a menos que as dos que estão colocados de tal forma não signifiquem que o alimento de um seja o veneno de outro”.

Muitas pessoas, tanto na America como na Europa, têm perguntando que dóse de “fascismo” existe na doutrina e na maneira de proceder do Presidente Roosevelt. Não é necessario ir muito longe para encontrar a resposta e nem é preciso tão pouco generalizá-la.

Tal como no fascismo, ha nesta doutrina o principio de que o Estado não pôde permanecer separado do desenvolvimento económico, porque isto equivaleria a permanecer exilado da maioria do povo. De quando em quando vejo no livro de Roosevelt uma referencia á necessidade de colaborar com todos os fatores de produção, e isto tambem me faz recordar um dos principios fundamentais do sistema fascista. O Fascismo, porém,

BENITO MUSSOLINI

tem feito profundas inovações, graças a uma revolução real, e tem creado instituições adequadas para sanar os males organicos, dos quais sofrem tambem os Estados Unidos. Roosevelt em seu livro não pleitea a solução de nenhum dêstes problemas, tais como a personalidade juridica dos sindicatos de operarios e industriais, a proscrição de grêves e “lockouts”, tribunais para operarios, e, finalmente, gremios nacionais de officios que devem estar sobrepostos a varias categorias de governo mesmo sob a proteção do Estado.

O Presidente Roosevelt continúa apegando-se ao sistema de intervenção indireta do Estado, por meio de ação de convites mais ou menos permanentes que tenham carater político ou administrativo.

A atmosfera em que se move todo o sistema doutrinario e pratico é, certamente, semelhante á atmosfera do Fascismo, porém seria exagero dizer mais.

Quando falo de atmosfera, lembro-me das seguintes palavras do Presidente Roosevelt:

“Temos necessidade de entusiasmo, de imaginação, de animo, para enfrentar os problemas, mes-

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

mo os mais desagradáveis. Necessitamos corrigir, mesmo por meios drasticos, os defeitos que amolecem o nosso sistema económico. Temos necessidade para isto do animo da juventude”.

Esta exortação á juventude e esta vontade de entrar em combate com determinação e pessimismo viril, são partes dêsse estilo e “modus vivendi” sob o qual o fascismo dirige e intenta continuar a dirigir com maior vigor ainda o povo italiano.

A LEI SÊCA E A ITALIA

OS Estados Unidos rebelaram-se contra a lei de proibição que visava reformar, violenta, repentina e forçadamente, a ancestral liberdade pessoal do povo, especialmente visando hábitos e inclinações individuais.

O problema do alcoolismo, tal como é entendido nos países setentrionais, não existe na Italia, porque a nossa gente não consome licores e espiritos. Os italianos usam* exclusivamente vinho, que é produto da civilização ocidental, tal como a vinha e o mosto dêsse delicado produto, nascido das nupcias risonhas do sol, do céu e da terra, foram um produto do Mediterraneo.

Falar em vinho é, portanto, falar na civilização da raça branca.

Todos os nossos poetas o celebraram, desde Hesíodo a Homero e Ferdusi. Os evangelhos duas vezes o consagraram, nas bodas de Caná e no mistério da última ceia.

“Eles não têm vinho”, foram as palavras que tombaram dos lábios da contristada Maria. Porque, nos países da civilização branca, o vinho emparelha-se com o pão, é seu companheiro indispensável nos banquetes do rico e na modesta mesa do pobre.

O italiano moderno não pode conceber uma festa de boda ou outra qualquer festividade patriarcal da família sem a alegria do vinho. O mesmo ocorria na Palestina de há dois mil anos.

Si o pão representa a nossa diuturna necessidade, o vinho representa para nós essa medida de superfluidade imprescindível ao homem que deseja uma centelha de alegria em sua vida, porque “nem só de pão vive o homem”. O vinho é o símbolo da alegria e da cordialidade que deveriam sempre reinar na mais humilde das mesas.

Nas tórridas extensões da África e no oriente extremo não existe vinho nem medram parreiras. Mas nos Estados Unidos, terra de transmigração da civilização ocidental, é perfeitamente lícito e justo

que o seu povo desfrute dêsse amável cordial como auxiliar das refeições.

Digo que o vinho “é a alegria da mesa” porque na Itália, país eminentemente viticultor, há muitos milhares de anos o vinho tem sido considerado em suas qualidades fundamentais como um alimento, nutritivo e saudável, para ser usado nas refeições e, conseqüentemente, de um modo geral, é bebido moderadamente com os mais satisfatórios resultados.

A uva, em si mesma, é excelente para o organismo humano. Quando devidamente escolhida constitui cura para enfermidades que sem ela necessitariam de dieta e tratamento especial. Há numerosos centros na Itália onde afluem pessoas desejosas de se submeterem á chamada cura pela uva.

Na Itália o abuso do vinho é fenomeno esporádico e não entra nos hábitos do povo em geral. Quanto ao consumo de licores e outras bebidas mais ou menos espirituosas, a nossa gente mostra-se ainda mais moderada.

Do norte ao sul, das fronteiras alpinas á extrema ponta da Sicília, a Itália é um vasto vinhedo. No Piemonte há vinhos famosos, tal como o ver-

mute, que é um excelente aperitivo, o vaporoso Asti espumante, adocicado e um pouco estonteante, e o tinto Barolo, que acompanha nobremente os assados e as sobremesas.

Em minha provincia natal, em Milia, temos o crepitante Lambrusco, branco ou tinto, e o delicioso Albana dourado. A graça e a poesia da Toscana expressam-se no Chianti. As ilhas vulcanicas, jardins da terra, produzem em Capri o Lacrima Christi e o Marsala, essencias de fogo e mel. Além dêsses vinhos, mundialmente famosos, a Italia possui outros de fama local, conhecidos e gabados pelos que visitam o país com vagar e consciencia.

Para que então recorrer aos licores? Muitos dêsses vinhos têm uma levissima porcentagem de alcool, de modo que se pode dizer que sua sacarose e vitaminas possuem um efeito tónico e revigorante. Naturalmente, que entre nós ha pessoas que abusam das coisas deleitosas que os céus e o trabalho do homem puseram ao nosso alcance, mas o meu governo toma severas medidas para coibir, por meio da vigilancia policial, qualquer abuso que constitua uma perturbação e indirectamente uma humilhação para a comunidade.

Até ha pouco, a embriaguez era considerada como circumstancia atenuante dos crimes, mas o novo codigo penal acabou com essa absurda anomalia, ofensiva ao senso comum e á justiça.

Si um individuo abusa do alcool a ponto de anular os mais preciosos dons que recebeu de Deus, a saber, o dominio da vontade e a razão, isso agora constitua agravante dos crimes que por ventura venha a cometer como resultante da embriaguez. Mas isso é apenas uma questão de alçada policial para ser decidida pelo magistrado nos casos concretos.

E' geralmente sabido que o povo italiano é extremamente sobrio. A população rural alimenta-se principalmente de arroz, macarrão, milho e pão. Para nós o melhor condimento para uma refeição, por simples que seja, é um copo de vinho. Ele dá alegria e força ao lavrador e ao operario, animando-os a executar o rude labor sob o sol ardente ou na fábrica fumarenta. Ele preside como divindade domestica ao repouso dominical.

Certamente devemos usar o vinho com moderação, como, aliás, tudo quanto é bom. De resto,

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

êsse elementar dever de medida de temperança applica-se igualmente a todas as ações humanas; ainda mais, é a condição fundamental da vida humana e da civilização

Como não ha aparelho ou qualquer meio mecanico para tornar o homem automaticamente bom e virtuoso, cada individuo deve agir e escolher, exercitando sua vontade, para atingir a bondade e a virtude. Emerson, o grande pensador norte-americano, disse que a melhor recompensa de uma boa ação era dar-nos força para fazermos outra.

Pessoalmente, tenho sérias dúvidas sobre si é aconselhavel ou possivel corrigir o caráter de um povo por imposição de leis demasiado estritas.

Isso é do dominio privado dos costumes, da sociedade, da igreja e da religião, e, si nos adeantarmos demais, corremos o risco de invadir o campo da consciencia individual.

O Estado deveria intervir sómente para o bem estar coletivo do país e para protegê-lo contra os perigos que lhe ameacem a existencia presente ou futura, principalmente os que lhe minam a saúde e a riqueza das gerações porvindouras.

BENITO MUSSOLINI

Quanto ao resto, os principios morais são mais profundamente arraigados do que as leis. Com a promulgação de uma lei pôde-se mudar a apparencia das coisas em poucas horas, como si fôra um passe de varinha magica, mas não podemos pretender alterar a essencia moral de um povo em vinte e quatro horas.

Êsses principios morais, firmados através da evolução do povo, através de necessidades físicas e morais no histórico desenvolver de milênios, e através de um trabalho paciente e longo de persuasão por parte da mentalidade coletiva, tornaram-se parte integrante da consciencia nacional.

Como é possivel modificar uma característica tão profundamente arraigada em uma nação ou raça, com a simples decretação de uma lei?

Licores e espiritos de todas as qualidades são de largo uso nos países setentrionais, e isso constitue o nó gordio do problema, porque o seu consumo gera o crime e a desordem da guerra.

Os licores de alta porcentagem alcólica determinam desordens não sómente físicas como tambem intellectuais. E aí, sem dúvida, está o ponto da

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

questão alcólica em que o Estado intervém como legislador.

A Italia, desde ha muito, tomou providencias contra êsse mal, proibindo, por exemplo, de modo completo e absoluto, o uso prejudicial do absinto, e limitando a venda de bebidas alcólicas nos domingos e proibindo-a nos dias de festa. Tanto no campo como nas cidades, poucos estabelecimentos têm autorização para vender licores fortes.

A produção de licores e espiritos é feita nas grandes destilarias, enquanto que qualquer campônês tem permissão para fabricar vinho.

A verdadeira solução do problema consiste em procurar convencer os povos do norte de que a sua salvação consiste em adotar o uso do vinho de pura uva.

Será necessario algum tempo para educar os paladares acostumados aos licores fortes, para que encontrem prazer no nobre e delicado uso dos vinhos leves, saborosos e finos. Mas a experiencia é digna de ser tentada.

A legislação, a sociedade e, acima de tudo, a influencia e o exemplo das mulheres, tão justa-

BENITO MUSSOLINI

mente apreciados nos Estados Unidos, poderiam auxiliar a introdução, sob fórmula de moda, de elegancia intelectual e social, de uma nova mentalidade no povo e nas classes elevadas, de modo a educar gradualmente a nação, que passaria do uso das bebidas fortes ao consumo moderado do vinho de uvas, saudavel, puro e com a recomendação dos seculos.

DEZ ANOS DE REVO-
LUÇÃO FASCISTA

NO dia 28 de outubro de 1932, a Italia completa dez anos de regime fascista.

E' uma década que não necessita de defesa. Suas realizações são a melhor resposta aos anti-fascistas.

O que peço á pessoa a quem confio um cargo é uma real capacidade de realização em seu campo de atividade.

Do mesmo modo, exijo realizações ao regime fascista.

Êstes dez anos de fascismo foram de sucessivas realizações em progressão geometrica.

Fossemos chamados a prestar contas do nosso regime e bastar-nos-ia enumerar os fátos práticos de govêrno. E' isso que outros govêrnos fazem.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Relatam ao Parlamento, ou em mensagem ao Congresso, os atos praticados, e, sob os modelos políticos comuns, quando conseguem mostrar uma certa soma de utilidade, tais administrações são consideradas como boas.

Mas o regime fascista é muito mais do que um governo que tem realizado certos atos políticos. Si êle se satisfizesse com a mera promulgação de leis, deveria ser considerado como de exito excepcional. Mas o fascismo é muito mais significativo do que isso.

Esse regime não legisla visando o exito no momento do apêlo ás urnas nacionais. Não; tem uma responsabilidade mais profunda.

O fascismo tomou a si o encargo de fazer da Italia uma nação forte, erguer o bem estar de seu povo em todas as suas atividades e aspirações e crear um sentimento mais profundo de fé no futuro.

O nosso regime embebeu a vida do povo italiano e a nossa realização consiste em ter creado uma época na história italiana, cuja influencia se fará sentir através de várias gerações.

BENITO MUSSOLINI

Si quisessemos proceder a um balanço moral nêsse décimo aniversario, seria suficiente enumerar o cumprimento do seu programa construtivo.

Bastaria lembrar que aumentámos a produção de trigo na Italia para 75.151.000 quintais, elevando, assim, o rendimento de quatro para seis quintais por acre. Podemos afirmar que tornámos a Italia quasi independente do trigo estrangeiro.

Poderíamos enumerar os planos de vastas obras públicas. Eletrificação de vias ferreas, estradas de asfalto e cimento que se estendem de uma a outra extremidade da Italia e que não existiam quando assumimos o poder; aquedutos, construção de portos, aperfeiçoamento dos meios de comunicação, reajustamente dos edificios e das organizações científicas das grandes e históricas universidades.

Tudo isso se evidencia aos olhos de quem quer que nos visite. Poderíamos ainda enumerar grandes reformas levadas a efeito em todos os ramos do govêrno.

As nossas relações entre capital e trabalho são modelos que outros procuram seguir. Não temos grêves e possuímos uma classe operaria produtora e industriosa.

Poderíamos referir-nos ao nosso sistema educacional e às oportunidades de recreação concedidas a todas as classes da sociedade e a todas as idades. Mencionariamos os auxílios prestados aos desempregados. Falariamos dos nossos seguros, das nossas pensões e dos planos das nossas maternidades.

O que poderíamos apresentar daria a qualquer governo o direito de continuar no poder. Não ha uma só nação em todo o mundo que possa enumerar tantas realizações em todos os ramos da atividade governamental como as do regime fascista.

E, entretanto, repito, a nossa realização é ainda maior que tudo isso, porque as idéas fascistas se tornaram parte da nação italiana. A idéa fascista é a nação italiana e está destinada a viver ainda nas gerações que se sucederem.

Esse período de dez anos de governo, creou, como disse, uma época. Os fatos materiais são apenas uma parte das nossas realizações. A posse dos governos pelo fascismo não passará como acontece com os partidos políticos comuns, que, depois de três ou quatro anos de administração,

deixam o governo, legando apenas como recordação de sua passagem alguns tangíveis fatos políticos.

O fascismo é muito mais que isso. Está destinado a sobreviver. Temos mais que tangíveis edificios, estradas e pontes. O fascismo é um espirito vivo, e êsse espirito sobreviverá aos pioneiros que o crearam.

Os grandes movimentos que têm durado são os animados de um espirito. Admira-se o grande espirito que animou a fundação do imperio romano e o fez viver, não só enquanto o imperio durou, mas ainda por gerações e gerações até que êsse mesmo espirito serviu de governo e guia para toda a civilização ocidental.

Outras nações têm vivido, tornam-se poderosas e desaparecem, nada legando á posteridade; mas o espirito de Roma era qualquer coisa de vivo que perdura até hoje.

Notemos a revolução de Cromwell que, em sua breve permanencia no poder, creou uma nova concepção dos direitos dos governados.

Embora se desvanecesse a forma física do que êle creou, o espirito sobreviveu e ainda hoje rege

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

os principios cardiais do governo em todo o mundo anglo-saxónico.

De onde emana o espirito puritano da Inglaterra e da America do Norte, ainda visivel nas leis de proibição e nos conceitos morais, senão daquêlê guerreiro errante, cujos soldados cantavam salmos de David enquanto marchavam para as batalhas?

O espirito de George Washington ainda inspira a conduta da grande nação que êle fundou. As palavras que proferiu e a politica que defenderem permanecem inalteradas como lei organica do país. O espirito de Washington penetrou a nação, não sómente enquanto êle viveu, mas continuou a influir e ainda hoje é a veneração dominante daquela grande República.

Dez anos de governo deram ao fascismo um espirito que sobrepaira ás coisas puramente materiais que êle tem construido e que persistirá como outros grandes movimentos têm persistido.

As realizações materiais servirão ao país por outras decadas, até que se tornem obsoletas pelo aparecimento de novos processos e invenções, mas

BENITO MUSSOLINI

o espirito que as creou permanecerá e continuará a viver por muito tempo ainda quando elas já não mais existirem.

Já outras nações começam a fixar em nós a sua atenção. Indaga-se em todo o mundo o que temos realizado. O espirito do fascismo tem mesmo extravasado das fronteiras da Italia e procura medrar em outras terras.

Isso não é o simples funcionamento de um sistema ou a atuação mecanica de um govêrno. É a irradiação de qualquer coisa de vivo, ampliando-se e desenvolvendo-se á proporção que a sua vitalidade crescia com os anos de sua existencia.

Quando indagam si êle perecerá depois que os seus chefes tiverem deixado de existir, podemos responder com segurança: êle subsistirá.

A sua virilidade nêstes dez anos fundiu-se na propria vida e existencia do povo italiano, que é uma nação varonil, destinada a durar.

O fascismo fortaleceu essa virilidade, intensificando-a, de modo que, como essas nações que têm durado e prodigalisado seu espirito e suas benções

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

sobre toda a humanidade, a Italia Fascista está apontada e destinada a continuar vivendo por muitas gerações futuras.

Êstes dez anos crearam um organismo cheio de uma vida vibrante e promissora e que terá de viver e transmitir á posteridade a vontade e o poder herdados de seus antepassados.

"VIA DEL IMPERO"

OS dois mais importantes trabalhos inaugurados no décimo aniversário da nossa revolução foram a exposição da revolução fascista e a nova "Via del Impero".

Tive especial cuidado em unir essas duas manifestações para uma ocasião tão importante, porque refletem o duplo caráter da revolução: renovação e restauração.

Uma nação ou povo com respeito por si próprio, nunca poderá nem deverá esquecer a sua história. Também não deverá esquecer como será relatada a história de amanhã, que é tecida com a vida de hoje.

A combinação dos símbolos representativos dessa dupla realidade será ainda mais completa

no futuro. Na mesma Avenida Imperial serão levantados os dois novos edificios, um para o museu da revolução fascista e outro para a sede do partido fascista.

E' impossivel governar um país sem conhecê-lo profundamente, e esse conhecimento não é possivel sem considerarmos não só o presente, como tambem o passado do povo ou da nação, os acontecimentos felizes ou tragicos que concorreram para a sua situação atual e contribuíram para o seu desenvolvimento.

A natureza do sólo, tanto geológica como geográfica, seus vizinhos, amizades e inimizades, a civilização cuja influencia assimilou, além das invasões que sofreu, tudo isso imprime traços profundos na fisionomia de uma nação.

Por isso é que os monumentos antigos, além do seu valor artistico, têm tambem seu inegavel valor histórico. São documentos de história e de humanidade. Isso é que os torna tambem dignos de respeito, mesmo deixando-se de parte o seu valor artistico e estético.

Ainda que sejam documentos de uma civilização de povos ou de nacionalidades extranhos aos que atualmente dominam politicamente o país, devem ser respeitados, sem que ninguem se esqueça dêsse dever para com eles.

A Italia, por exemplo, tem passado pelas mais diversas vicissitudes. A nossa história é uma longa sucessão de invasões. Varios povos desembarcaram em nossas praias, como ondas que molham areias desprotegidas, e onde quer que o invasor tenha pisado aí deixou assinalada a sua passagem. Mas, nunca, por um momento sequer, cogitámos de destruir as pegadas dessas invasões, mesmo quando as acompanham memorias odiosas.

A Sicilia, por exemplo, é um verdadeiro compendio de invasões históricas. Ali se encontram, adormecidos lado a lado, monumentos gregos, sarracenos, normandos e espanhóis. Obedientes a esse mesmo sentimento, sempre respeitámos os monumentos ao poeta alemão Walter von der Vogelweide e ao herói da insurreição tiroleza contra Napoleão, Andreas Hofer, ambos na cidade de Bolzano, no Adige superior, região que nos foi restituída pela guerra.

Não declaramos guerra a pedras ou monumentos, nem contra êles deixamos expandir o nosso rancor.

E' devido a essa tradição de cultura que se explica o universal clamor e indignação dos povos italianos quando da recente destruição dos leões de marmore na cidade dalmata de Trau e que eram obras de arte que lá haviam deixado os venezianos.

As margens dalmatas do Adriatico foram civilizadas primeiro por Roma e em seguida por Veneza. As verdadeiras populações daquelas margens, quer de origem italiana ou croata, guardam uma recordação tão grata e forte de Roma e Veneza, glorificadas com sabedoria e moderação através dos seculos em todo o curso de sua história, que, mesmo depois da queda da República Veneziana, sempre olharam para aquêles leões com simpatia, orgulho e respeito, como símbolo de uma civilização que lhes deu origem.

Não é sómente a questão do fáto material de destruir aquêles símbolos de marmore, nem do seu abstrato valor como obra de arte, embora só por isso já merecessem que as autoridades Iugoslavas os zelassem cuidadosamente; levamos tam-

bem em consideração o fáto de que com aquella destruição procurou-se deliberadamente ferir a sensibilidade dos italianos que atribuem um valor espiritual áqueles símbolos, qual o de testemunhos de uma contribuição humana para a causa da Humanidade.

E' um duplo insulto: primeiro, aos inúmeros admiradores da arte e da cultura em todos os países, em segundo lugar contra os italianos, procurando eliminar com um áto de ultrajante vandalismo uma das paginas mais gloriosas e impereciveis de nossa história.

A Italia é hoje talvez o maior repositório de monumentos, que chegaram até nós dos recessos da História, porque a Italia foi a fundadora de um vasto e ilimitado imperio, tanto assim que se poderia dizer que os Romanos estancaram a sêde de seus corceis nos cinco grandes rios, no Tamisa, no Reno, no Danubio, no Eufrates e no Nilo.

Onde quer que hajam pousado as aguias romanas, aí deixaram a sua marca, o cunho de uma civilização, e, mesmo ainda hoje, onde haja um monumento atestatório da presença dos Romanos, as suas pedras mortas merecem o maior respeito e

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

reverencia, seja nos extremos limites dos domínios caledonios da Escóssia, seja nas areias da Africa, ou ainda nas planícies do Danubio.

Logo que assumi o governo, comecei a trabalhar com intenso zelo na restauração e conservação de todos êsses restos de nossa passada civilização. Êsse sentimento de orgulho nos fez abrir a "Via del Impero", cortando por entre os grandiosos monumentos da antiga Roma, restaurando os vestígios já existentes e fazendo surgir outros para a admiração universal.

Embora professando a mais profunda veneração pelos monumentos que nos legaram nossos antepassados, nunca deixámos de respeitar os que outros povos erigiram em nosso país e nos deixaram como herança. Os parques de Roma estão cheios da expressão de nossa estima pelo genio de outras nacionalidades.

Temos monumentos a Goethe, Victor Hugo, Bolivar, Washington, Stephenson, e muitas placas de marmore através de Roma recordam aos visitantes a estadia de grandes homens e pioneiros da todos os países. Tivemos grande desvanecimento em aceitar a oferta de um monumento a

BENITO MUSSOLINI

Washington feita pelos italianos residentes na America do Norte, como sinal de recíproco respeito das duas nações pelos grandes espiritos do passado.

As nações que têm a felicidade de serem depositarias dos marcos miliarios das civilizações passadas guardam com justo orgulho os seus tesouros.

O Alhambra na Espanha, com seus doze seculos de existencia, é verdadeiramente um patrimonio precioso do povo espanhol, embora seja uma recordação do dominio dos Mouros. Mesmo durante as mais sangrentas lutas religiosas, ninguém jámais se lembrou de destruir aquela joia arquitetónica.

Assim, no hemisferio ocidental, por toda a parte se encontram traços das passadas civilizações, que são alvo dos maiores cuidados, para que se preservem os menores fragmentos dêsses vestígios, capazes de enriquecer o conhecimento do passado.

Seriam os Americanos capazes de destruir os vestígios da civilização dos Indios que precedeu á dos conquistadores? Muito ao contrário, a constituição norte-americana guarda e protege com o maior cuidado o que resta das tribus dos indios e os coloca sob o immediato patrocínio do Congresso. Concentrados em vasta região, os indios são respei-

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

tados e conservam intactos seus costumes ancestrais e sua civilização.

Muito justamente os Americanos sentem orgulho e responsabilidade por êsse patrimonio histórico, de uma civilização que lhes é estranha, mas preciosa, e que deve ser conservada para o conjunto da humanidade.

A indignação do povo italiano pela ocorrência da Dalmacia é o reflexo natural contra os que não estão acostumados aos requisitos de uma civilização superior e ousam espesinhar as reliquias dos grandes espiritos do passado que revelaram sua genialidade na téla ou no marmore, creando uma tradição de arte classica nos seculos idos.

Os marmores foram destruidos, mas não o espirito, que vive imorredouro através dos tempos.

A ATMOSFERA FASCISTA

A atmosfera do décimo aniversário do fascismo foi ardente, vibrante, juvenil e carregada de eletricidade.

Dez anos pouco representam perante a história, mas têm algum valor para os passos de um movimento revolucionário. Nos tempos de revolução, os anos contam-se pelo dobro, como para os soldados em tempo de guerra. A's vezes mesmo essa contagem deve ser pelo triplo ou até pelo décuplo, tanto se precipitam os acontecimentos.

A despeito disso, é obvio o fáto singular de não haver essa revolução destruído os seus homens. No décimo aniversário da marcha sobre Roma, eu tinha a meu lado os mesmos homens que me acompanharam quando iniciei o movimento; os homens que

estão comigo, que representam a hierarquia do governo e do regime de hoje, são os mesmos que executaram a marcha sobre a capital. Nisso, portanto, a nossa revolução não tem analogia com qualquer outra.

Sei, por experiencia propria e pelo estudo da História, quanto as revoluções e o exercicio do poder desgastam os homens. E', pois, com a maior satisfação que, olhando em tórno de mim, vejo as mesmas fisionomias, para mim tão queridas, dos fieis companheiros daquêles dias. Ao mesmo tempo, vejo bem diante de mim os rostos menos familiares, mas não menos dedicados da nova geração que vai surgindo.

De que depende o segredo dêsse sentido de vitalidade e continuidade da revolução fascista?

Ha para isso duas razões principais. Primeira, porque houve desde o início unidade de conduta, resultante da unidade de chefia. Segunda, porque foi uma revolução de gente moça.

Os homens que estão dirigindo e comandando são ainda jovens. Hoje, a média das suas idades oscila entre os trinta e cinco e cincoenta anos; trata-se, portanto, de gente capaz de manter um passo

ágil e elástico, de aprender novas circunstancias e novas gerações, sem ultrapassá-las nem ignorá-las, e sem mantê-las artificialmente a distancia.

Mesmo os mais cétricos terão de reconhecer que houve por toda a Italia uma sincera e real adesão do povo, em massas de centenas de milhares, nas celebrações das grandes cidades em homenagem ás realizações da última década do governo fascista.

Isso é fáto iniludível, como também são incontestaveis as realizações materiais da administração fascista, diante dos largos melhoramentos públicos, da solidez do país e dos beneficios sociais dêste regime.

Assim, ninguém poderá contestar a grande adesão popular de todas as classes, porque, quem quer que presencie essas manifestações, poderá dar testemunho de sua existencia como fáto insofismavel. Mais de 500.000 cidadãos, na maior parte operarios, pediram para ingressar no partido nacional fascista.

Já tenho visto as nossas realizações materiais serem mencionadas como o "moderno milagre politico", por termos sido capazes de manter o país em pleno funcionamento económico, enquanto o resto

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

do mundo se debate contra o desanimo despertado pela crise geral.

Mas, temos feito qualquer coisa mais do que isso. Não sómente mantemos o país em atividade, com tambem o construimos materialmente, a ponto de não ser hoje reconhecido por quem o viu ha dez anos passados.

O milagre, entretanto, não consiste nessas coisas, porque acho dificuldade em associar fatos materiais com milagres... Si milagre houve, consistiu êle na moldagem e solda do povo italiano em um todo consolidado e animado de uma alma que sabe como defrontar o presente e o futuro, certa dos seus destinos.

Unida ha cincoenta anos, política e administrativamente, a Italia não havia ainda conseguido uma completa unidade espiritual de seu povo. Hoje essa unidade é completa. Podemos hoje afirmar sermos um povo. Nossos interesses menores se fundem no interesse do todo, e de norte a sul, nas ilhas e nas colonias, a flamula tricolor vive no coração e nas almas de todos os italianos.

As invasões, o clima e varias imigrações fizeram do italiano um povo regionalmente um tanto

BENITO MUSSOLINI

diferenciado. Outros países apresentam identico fenomeno, mas de maneira ainda mais incisiva. Longos anos de dominação estrangeira, tambem despertaram em certas regiões odio aos governantes. Qauisquer que fossem êsses governos, eram extranhos á sua natureza. Detestavam, portanto, toda a polícia, por ser a polícia de um dominador estrangeiro.

Durante os cincoenta anos de nossa unidade meramente política e administrativa, êsses sentimentos, firmemente implantados, não foram desarraigados, embora nêsse período a polícia tenha sido italiana. O velho sentimento de que a polícia estava sempre contra o povo, ainda persistia no espirito de todos.

Sómente nêstes dez anos de regime fascista é que o povo começou a compreender que a polícia é dêle, organizada para sua proteção e bem estar.

Eu mesmo, perante o Parlamento, me denominei chefe de polícia, na minha qualidade de Ministro do Interior. Êsse fato em si tem alguma importancia; mais importante, porém, é a sua applicação, a saber, que o fascismo reergueu no povo a conciencia de que é italiano e que pertence a uma

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

grande nação, unida não só geograficamente, como também pela raça e pelas aspirações.

O fascismo fundiu os interesses particulares dos grupos no grande interesse do todo. Essa fusão foi simultaneamente vertical, para as categorias de produção, e horizontal, para as classes.

A Italia em dez anos de governo fascista aprendeu também que um sistema de partidos políticos apenas produzia a inação e o caos, enquanto que, com um governo unificado sob uma única vontade, a direção do país logrou progressos que até então se limitavam a projéto e esperanças.

O fascismo, nêsse processo de unificação, aperfeiçoou também a união na cooperação das classes industriais e agrícolas. O constante conflito em que viviam prejudicava á capacidade produtora do país, que sofria pobreza, privações e dificuldades por falta de utilidade e conforto, enquanto que as forças litigantes se degladiavam.

Conciliámos essas forças fazendo-as compreender que os seus interesses e o interesse do povo são indivisíveis e formam um todo com o bem estar e o interesse geral do país.

BENITO MUSSOLINI

Agora essa unidade tem sido aperfeiçoada, estendendo-se a todos os elementos da atividade nacional. Aplicámo-la ulteriormente ás artes, á ciência, á educação, ás recreações, á estrutura física e social.

As suas potencialidades material e espiritual convergem guiadas pelos emblemas fascistas. E' uma nação, unida não sómente no sentido comum da união política, mas uma nação unida em toda a sua alma.

Em dez anos tenho visto consumir-se êsse manifestado sua unificação com o regime nas celebrações realizadas.

E' uma nação viva e possuida da idéa e da doutrina fascistas, das quais nada a poderá separar. Inculcámo-la com exito na propria essencia do país. Ha apenas uma nação, e essa é a nação fascista italiana.

Em dez anos tenho visto consumir-se êsse grande acontecimento. Sem o fascismo, estaríamos ainda labutando no terrivel horror dos conflitos, constantes atritos entre grupos e políticos, entre capital e trabalho, entre a indústria e a agricultura, entre a gente do campo e a da cidade,

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

entre o norte e o sul, entre o sul e o centro, ou ainda entre o centro e o norte

O fascismo uniu-os todos de corpo e alma, de modo que atualmente só ha um todo único: a Italia, na qual a monarquia, o governo, o partido fascista e o povo fazem um só todo, que marcha para fazer da Italia uma nação mais forte, material e espiritualmente, e para o progresso e civilização de todo o mundo.

PROFECIAS DE 1933

ESPERO que 1933 seja um ano muito importante. Estamos em vésperas de grandes decisões, e, si lhes dermos o rumo conveniente e necessário, bem irá para os destinos do mundo por algum tempo.

Especialmente nas épocas de crise, como a que estamos atravessando, sentimos certa ansiedade na passagem de um ano para outro e temos esperanças de vencer os obstáculos do momento presente.

Efetivamente, tais esperanças e ansiedades não são de todo injustificadas.

Depois de tão asperos invernos, é humano e natural almejar uma radiosa primavera que venha florir totalmente o mundo. Portanto, na transição para o novo ano, perguntamos a nós mesmos si a

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

crise já terá chegado ao seu máximo e si podemos contar com melhores tempos.

E' verdade que muitos países têm sofrido, principalmente nêstes últimos três anos, uma espécie de retrocesso. Muitos foram forçados a voltar a uma média de vida igual á de antes da guerra. O luxo e conforto que faziam parte da vida de muita gente nos mais adeantados países desapareceram nêsse movimento de recuo.

O ano de 1933 encontra-nos em uma encruzilhada onde temos de decidir si tem havido retrocesso ou avanço e qual a única medida a tomar.

Não podemos considerar êsses acontecimentos como pura obra dos fados, mas devemos pôr em ação os nossos atributos, tais como a razão, a força de vontade, para comandar, sobrando-nos ainda a energia e a fé.

Quando um navio está acossado por uma tempestade, parte da carga deve ser alijada e uma nova rota deve ser traçada. Primeiro a salvação do navio, mesmo que para isso seja necessario jogar ao mar a carga mais preciosa.

Entrámos justamente no quarto ano do que todos concordam em denominar a maior crise mun-

B E N I T O M U S S O L I N I

dial dos tempos modernos, e, embora os problemas da situação economica hajam sido exaustivamente estudados, poucos são os resultados praticos alcançados.

Sómente os inenarraveis sacrificios dos povos curvados á depressão moral agravada pela crise economica, mas mantidos pela força magnifica da disciplina, têm contribuido para manter o prumo e salvar muitas nações do desastre completo.

Mas, conquanto a situação venha sendo suportada, não se póde afirmar que o continue sendo. E' possivel que não apáreça a primeira fenda onde haja uma tenaz força de vontade e esforço para restaurar o equilibrio e repôr o mundo em situação estavel.

Alguns sinais aparecem francamente no horizonte como esperança de que o mundo se acha em caminho de restabelecimento, mas é necessario ainda maior esforço, intensidade e energia para mantê-lo nêsse rumo.

Quando vejo o tragico número dos desempregados que infelizmente não mostrou ainda tendencia de declinio, mesmo nos países mais civilizados, eu estudo o problema do desemprego não só

como primeiro ministro, mas também como quem conhece os sofrimentos dos pobres.

Quando durante os meses de verão estou á minha mesa de trabalho, horas e horas, e ás vezes dias a fio, e reuno em torno de mim estadistas, peritos, engenheiros, prefeitos, ministros, industriais e até chefes de operarios, não tenho a menor preocupação com minha segurança, não me move qualquer cálculo político ou amor á popularidade.

Quando um chefe de governo possui a necessaria força e está determinado a guiar o seu navio, ninguém o pode arrancar da roda do leme. Durante todo o verão estive providenciando para o bemestar do povo italiano para o inverno, preparando cuidadosamente assistencia de alimento e emprego.

Isso me é imposto, por motivos morais e humanos, como chefe do governo, cioso de sua honra e do seu sentimento de responsabilidade.

Mesmo, porém, que não me movessem êsses motivos, outra não seria a minha conduta, pois isso mesmo mo ditariam os meus sentimentos.

Sei o que sofrem as familias quando estão desempregados os que lhes angariam o pão. Conheço por experiencia propria as torturas da

fome e do frio. Sinto, portanto, profundamente a responsabilidade do apêlo e da advertencia do ano de 1933.

O sistema de paliativos políticos e económicos agrava eventualmente a existencia dos individuos e das nações, levando-os a um estado de ruína progressiva. Cumpre substituí-lo por uma política nacional e internacional, nova e revigoradora, capaz de conduzir os povos a um melhor futuro em vez de os deixar enlanguecer na miseria do passado.

O ano de 1933 é um ano decisivo. Um ano que poderá ser o único meio de prosseguir avante.

Para isso, a autoridade das grandes firmas comerciais e industriais, que dirigem os seus negocios sem o menor sentido de responsabilidade para com o público, baseando seu direito em um magro estipendio ao trabalho, para comprar barato e vender a preços extravagantes, entra em rapido declinio.

A luta contra êsses métodos está sendo conduzida com extrema severidade, enquanto que o govêrno penetra cada vez mais nas esferas económicas.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

No ano de 1933, mais do que nos antecedentes, o estado fascista tornará ainda mais rigorosa a disciplina indispensável a certas formas de atividade econômica. Estão agora na balança o bem-estar do povo e a segurança da estrutura econômica do Estado. Sem a regulamentação inteligente, oportuna, elástica e racional por parte do governo intervindo na produção e consumo, é certo que continuaremos sob as mesmas desastrosas condições do presente.

Não poderemos libertar-nos dêsse longo e penoso sofrimento, sem ter aprendido qualquer coisa. Seria loucura continuar palmilhando a mesma trilha.

Com tantos e tão espinhosos problemas a nos espicaçarem de todo os lados, a irritação produzida já nos teria levado ao conflito armado, si normais fossem as condições econômicas do mundo.

O novo ano, entretanto, trará uma solução pelo menos para alguns dêsses mais ponderáveis problemas. Só assim êle será, como o desejamos de todo o coração, um ano de restabelecimento econômico, espiritual e moral de nossa civilização e o ano de restauração do equilíbrio mundial.

UMA LEI REPUDIADA
MAS QUE SE MANTEVE
DURANTE TREZE ANOS

PÓDE-SE dizer que o povo norte-americano repudiou legalmente a Lei Sêca no dia 7 de Novembro. Não sou o mais indicado para aquilatar os meritos dessa decisão popular; cabe-me apenas o papel de contemplar, como simples espectador, o que se passou e como as coisas decorreram. Depois de mais de treze anos de abstenção legal, registou-se uma completa mudança de opinião.

Tudo o que posso dizer é que 13 anos são mais do que suficientes para prova e experiencia de qualquer afastamento drastico do normal, tal como o é a temperança forçada.

A grande lição que vejo no repúdio da Proibição é a morosidade com que a democracia se põe em movimento. O povo sofre antes que seja

unanimemente decidido mudar o curso de sua vida. Frequentemente se diz que a Constituição dos Estados Unidos é impossível de ser emendada, mas aí temos uma reforma que foi primeiramente adicionada á Constituição, para ser ignominiosamente apagada depois de treze anos de experiencia.

Uma maioria de $\frac{3}{4}$ em qualquer democracia é demasiado difícil de se obter; nêsse caso, porém, houve tal unanimidade de opinião, ou quasi unanimidade, que facilmente se obteria mais dos $\frac{3}{4}$ requeridos, si fôsse necessario.

No caso de que nos ocupamos, quasi que houve tempo para surgir uma nova geração de eleitores durante o tempo decorrido entre a emenda da Constituição e seu repúdio. Não ha dúvida, que o novo elemento entre os eleitores dos Estados Unidos deve ter exercido grande influencia tanto na decisão quanto na persuasão dos que apoiaram a Lei Sêca ha treze anos passados. Mas, quaisquer que hajam sido tais influencias, o que se torna evidente é que uma democracia tolerará um problema real, mesmo por espaço de uma geração, e sem fazer grande esforço para ajustar-se a êle, desde que foi sancionado em principio.

Muito poucos têm alguma coisa a dizer contra o espirito de moderação. Alguns têm uma diferença de opinião e, por conseguinte, insistem na abstinencia absoluta, mas o fáto fica indelevelmente fixo na mente dos europeus, principalmente, de que a abstinencia completa nem é desejavel, nem praticavel.

Devo tambem dizer que o tráfico dos licores foi atacado nos países da Europa. Recebeu golpes na Inglaterra, na Finlândia e na Escandinavia, países onde tal tráfico criou um problema devido á falta de moderação com que se leva a cabo seu consumo. Isso se nota especialmente entre as classes trabalhadoras.

Apesar disso, os países continentais europeus não têm ante si um problema de embriaguez excessiva. A embriaguez que nêles existe não pôde ser propriamente considerada como um problema, por ser ela mais uma excêção do que regra geral. E' por isso talvez que todas as campanhas iniciadas nos países continentais da Europa para implantação da Lei Sêca falharam redondamente. Para que legislar sobre um problema inexistente?

Sabemos de sobra que na França, Espanha, Italia e Alemanha ha pouco ou nada de antisocial ou de antigovernamental no consumo do vinho e da cerveja por parte dos cidadãos dêsses países. Alem disso, acontece que o vinho e a cerveja são os maiores fatores produtivos dessas nações e uma real necessidade na vida de seus povos. Após seculos de consumo dessas bebidas, pouco ou quasi nada se encontrou em seu detrimento, quer contra o progresso da raça, quer contra o bem-estar da população.

Muito ao contrário, o vinho é uma das maiores indústrias nêsses países e é sobejamente sabido que pouca vantagem se pode alcançar com a reforma de um costume tão intimamente ligado aos interesses economicos de um povo. Reduzir drasticamente a produção do vinho, equivaleria a dar um golpe de morte nas indústrias básicas dêsses países.

Pouco ha tambem a dizer quanto á questão da conduta moral como resultado do consumo do vinho, já que nêsses países não existe nenhum problema sério a êsse respeito.

Ha ainda outra diferença fundamental na fórmula de regularização do consumo de bebidas alcólicas na Europa. Os produtores de vinho, bem como os distiladores, não fazem parte da engrenagem politica como sucede nos Estados Unidos. A intrusão de qualquer indústria na engrenagem política de uma nação encontra necessariamente repercussões, não só na política do govêrno para com essa indústria, como tambem noutros assuntos com esta relacionados.

O meu govêrno jamais tolerou a intromissão de qualquer indústria particular nos assuntos officiais da Italia. A administração do Estado concede funções consultivas ás organizações industriais, mas sempre dentro da esfera dos interesses gerais do país. Ha países, porém, que oferecem casos peculiares da intromissão de certos grupos de industriais nos assuntos administrativos e que tratam de moldar, a seu favor, a política do govêrno..

Quando, por exemplo, se procede aos debates sobre o desarmamento mundial, ha fações da imprensa financiada pelas grandes firmas metalurgicas e pelas grandes industrias de construções navais que tratam por todos os meios possiveis de

mostrar ao povo que uma política de desarmamento o deixaria exposto á “aniquilação imediata” nas mãos de seus prováveis inimigos.

A influencia dessa especie de propaganda pelos grandes periodicos com milhões de leitores não deve passar despercebida. Isso, com efeito, tem bastado por si só para prolongar as discussões sobre o desarmamento. Essa influencia, diréta ou indiréta, é profunda e encontra terreno propicio entre povos cheios de preconceitos patrioticos. Mas a opinião pública nêstes últimos tempos tem se mostrado bastante firme a favor do desarmamento e tem podido contrastar as perniciosas campanhas levadas a efeito pelos fabricantes de armamentos que se amparam na imprensa.

Talvez que a natureza da luta nos Estados Unidos force inevitavelmente a entrada dos fabricantes de bebidas alcólicas na política. O complicado meio de se expedirem as licenças e de se fixarem os impostos fórça a política a ir de encontro ao comércio de bebidas alcólicas. O fáto de o proprio tráfico dessas bebidas se converter em objetos de vastas campanhas políticas, não lhe deixa outra alternativa além da de entrar plenamente na

política e de maneira por demais severa para poder defender-se.

O problema da Proibição estava destinado a ser complicadissimo, especialmente pela fórma por que foi submetido aos eleitores, aos quais se apresentou simultaneamente sob seus aspectos políticos, religiosos, morais e sociais. Isso obrigou aos eleitores a se decidirem de um lado por sua opinião política e por outro por sua consciencia religiosa. Daí resultou acharem-se facilmente em conflito seus sentimentos morais com suas convicções políticas.

Tenho a certeza de que os homens de Estado na America do Norte devem ter dado um suspiro de alívio quando puderam suprimir de seus programas políticos a questão da Proibição.

Por minha parte tenho sempre insistido pela moderação dos hábitos no povo italiano; por isso tenho conseguido reduzir o número de estabelecimentos dedicados á venda de vinho e tenho regulado a venda de licores em certos dias e certas horas. A diferença entre italianos e norte-americanos, nêsse ponto, constitue um interessante assunto para um estudo especial.

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

Por que são os italianos temperantes, enquanto que nos Estados Unidos a intemperança causou um vasto problema? Estou certo de que tal diferença deixará de existir, quando a disciplina e o bom uso desta, que são mais fortes do que qualquer lei, hajam feito compreender ao público quão prejudiciais são os excessos de qualquer natureza.

A FALENCIA DA LIBERAL- DEMOCRACIA

Aoposição não conformada, ou pseudo insurrecionista, que se levantou no recente congresso do Partido Socialista Francês não merece que se lhe dê muita importancia.

Em primeiro lugar, o Partido Socialista Francês, apesar de sua notavel representação no Parlamento, não é uma das forças históricas da França. É uma organização político-administrativa que tem escasso poder sobre as massas do povo francês, especialmente sobre a população rural.

O eleitor francês póde votar em Léon Blum, mas não leva a sério as suas doutrinas; vota em Léon Blum, ás vezes, só para derrotar outro candidato. Entretanto, apesar de limitado em unidade e aspecto, o Partido Socialista Francês tem certa

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

importancia, especialmente no que se refere á votação "sim" ou "não", num ministro; está porém longe de parecer-se com o do tempo de Jaurés — que foi mais tribuno que teórico, mais orador que homem de ação.

Agora, no recente congresso dos socialistas francêses, varios oradores apresentaram uma proposta afim de salvar o partido de suas fórmulas doutrinarias, irrealizaveis e superdogmaticas, e dar-lhe uma nova feição que o reconcilie com o Estado, a nação, a autoridade e a juventude.

São estas as palavras cheias de significação que o vocabulario marxista tinha riscado de suas páginas porque o Estado, segundo o proféta de Treves, é apenas um comité de negocios da burguesia; a nação é um conceito disperso que deve ser retomado pela internacional; a autoridade é um principio hostil ás pretensões cada dia mais extrêmas e radicais do proletariado.

Os oradores socialistas, ao fazerem estas declarações das plataformas de um congresso, conseguiram causar impressão e despertar consideraveis comentarios. Falou-se num fascismo, de um neo-socialismo. Houve varias polémicas entre os orto-

BENITO MUSSOLINI

doxos e os neo-socialistas e fascistas; porém, no fundo, a situação não teve maiores consequencias.

Não ha dúvida que o episodio da opposição socialista francêsa tem um valor sintomatico e devemos relacioná-lo com o movimento de idéas que provocou a Revolução Fascista durante êstes primeiros onze anos de sua história, e está também relacionado com as profundas transformações das instituições sociais e políticas que se têm dado nos grandes países da Europa.

Entramos internamente num período que poderá ser denominado como uma passagem de um tipo de civilização para outro. A ideologia do seculo XIX está ruindo e não encontra defensores. Não será êste um sintoma de que existem socialistas cansados do socialismo saturado com os dogmas do marxismo? Ha também democratas que se pronunciam contra a democracia e liberais que consideram a fase democratico-liberal nos países ocidentais como uma velharia do passado.

As causas dêste crepusculo da civilização democratico-liberal são de ordem positiva e de ordem negativa. As causas negativas estão constituidas sobre o desenvolvimento do capitalismo impessoal

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

com sua irresponsabilidade anônima, por conseguinte, de certo modo, já socializado e pronto para cair nas mãos do Estado; na impotência do poder executivo, no excessivo poder dos parlamentos, no misticismo das classes e na mitologia das classes do proletariado.

Os últimos quatro anos de crise têm acentuado o caráter desta situação. As novas idéas fascistas que prendem a atenção de todas as nações do mundo não teriam adquirido ainda o seu atual desenvolvimento sem a intervenção das causas a que me permito chamar positivas. A primeira delas, quanto ao que diz respeito a tempo e importância, vem com a colaboração do decimo aniversário da Revolução Fascista. Milhões de homens de todos os países viram os resultados e compreenderam o seu alcance.

Três coisas, sobretudo, conseguiram impressionar a intelligencia: — a exibição da Revolução, a Via Imperial, e o aproveitamento da terra pantanosa de Pontini.

E' tudo isto a história de um passado ainda recente e de uma criação de vida. O decenio fascista constitue uma revelação. Aquêles que não

BENITO MUSSOLINI

acreditavam na duração do poder fascista extranharam, talvez, que êle chegasse a completar um decenio; desde êsse momento começaram a mudar de opinião. Muitos daquêles que consideravam o fascismo como um movimento transitorio na política italiana, começam agora a estudá-lo com mais cuidado. E' que observaram "de visu" a profunda transformação feita pelo Fascismo no solo, nas coisas e no espirito do povo italiano.

Conforme sucede sempre, o "fato consumado" foi eloquente e irresistivel, e o exemplo italiano tem despertado em muitos países, proximos e distantes, o desejo de imitação. Um éco, si bem que débil, do decenio fascista e dos esforços creadores do Fascismo pôde ser ouvido nos discursos da opposição dos socialistas francêses.

Um outro fáto que desferiu profundo golpe em todos os principios do seculo passado é o triunfo das forças de Adolfo Hitler na Alemanha, triunfo êste que os socialistas ortodoxos da França, dirigidos pelo proféta sem exito Léon Blum, consideravam completamente impossivel.

Ha aqui um outro país que está creando o estado "unitario, autoritario e totalitario", isto é,

um estado fascista com algumas das características que o Fascismo italiano tem evitado devido á necessidade de atuar em um ambiente historicamente distinto.

A questão não é estabelecer aqui analogias ou diferenças entre dois regimes. Indubitavelmente, o fáto é que ambos duram e cream além de qualquer concepção democratico-liberal, e que ambos aniquilaram as forças democratico-liberais.

A palavra "socialismo", em si mesma, seria atualmente desconhecida pelos alemães si não fizesse parte do nome do partido de Hitler.

Opera-se atualmente em todos os países um fermento fascista, restaurando espiritualmente o mundo. Não ha dúvida alguma de que a França, o último reduto dos "principios imortais", levantará também, dentro em pouco, a bandeira branca da rendição.

Os Estados Unidos seguem êste mesmo caminho. O Presidente Roosevelt trabalha, atúa e ordena sem o assentimento ou a vontade do Congresso. O Congresso deixou de ser o intermediario entre êle e a nação. Não ha ali agora Parlamento, mas sim um Estado-maior do presidente. O fáto

é que não ha partidos políticos, porém um só partido. A vontade de um faz calar as vozes discordantes. Esta é uma circumstancia completamente diferente de toda a concepção democratico-liberal.

O apêlo ás forças da juventude ressoa por toda a parte. A nação que marchou á frente dêste movimento, com dez anos de antecedencia á ação das demais, é a Italia.

Nada nos faz ou nos fará crer que os homens jovens, hoje predominando na classe dos governantes dos estados fascistas, isto é, unitarios, autoritarios e totalitarios, perturbarão a paz. Ao contrario, pode-se dizer que êles assegurarão a paz do mundo.

Não ha nada mais interessante e dramatico que êste pôr de sol de uma civilização que, mesmo que presa de terror, marca um grande sulco.

Nada ha mais portentoso e fascinante que a aurora de uma nova civilização.

AS REALIZAÇÕES AGRI-
COLAS DO FASCISMO

FAZ pouco mais de um mês, ousei fazer uma análise do presente sistema económico internacional para pôr de manifesto como êste havia em alguns casos ficado fóra de qualquer contrôle e que, por conseguinte, tornava-se necessario um reajuste total do maquinismo do Estado para circunscrever o sistema economico dentro dos limites da sociedade.

O que aconteceu nêstes últimos cem anos foi que a éra industrial se sobrepôz á civilização agrícola. Êsse monstro industrial esperava reger não só seus proprios destinos, como tambem os da agricultura, com o fito exclusivo, porém, de tornar possivel organizar maior número de gigantescas combinações comerciais e industriais e formar

maior quantidade de organizações financeiras ainda mais colossais.

Entretanto, cumpre não nos esquecermos de que a agricultura continúa sendo a base de quasi todos os sistemas nacionais economicos e que a riqueza intrinseca da maioria dos países ainda reside nos seus campos e florestas. De todas as grandes potencias a Inglaterra é a única preponderantemente industrial, enquanto que a França, Estados Unidos, Alemanha, Italia e Japão, bem como o resto do mundo, são predominantemente agrícolas.

A politica fascista pendeu mais para a agricultura do que para a indústria, porque temos interesses maiores na parte agrícola. Não é fantasia dizer-se que a política de agricultura difere muito da politica industrial. A prova dessa afirmação temo-la nos Estados Unidos.

Efetivamente, podemos dizer que nêsse país encontramos um bem definido seccionalismo baseado, de um lado, em uma política mais adaptada á agricultura e, de outro lado, em uma política mais adaptada á indústria. O Oeste agrícola está em aberta opposição á política industrial do Leste. O sistema monetario, as tarifas, o sistema bancario e

os créditos são questões em que agricultores e industriais tomam posições antagonicas.

Praticamente, o país que possui uma economia parcialmente agrícola e parcialmente industrial tem seguido quasi sem excepção uma política favoravel ao predomínio agrícola. Isso, sem dúvida, é devido ao facto de haver mais "efeito" na indústria.

A indústria pôde produzir grandes e poderosas máquinas. Os politicastros podem apontar orgulhosamente as grandes instalações industriais situadas nêste ou naquêle ponto, enquanto que as cidades crescem a passos agigantados. Mas o encargo dessa política recai geralmente sobre a agricultura, porque, sendo ela a riqueza basica de uma nação, sobre ela incide a maioria dos impostos. Enquanto se desenvolviam os grandiosos centros industriais, o agricultor estava pagando por êles, e muito poucos se lembraram de que êste teria necessidade de qualquer auxilio. Bastava-lhe semear algumas sementes e fazer a colheita da messe.

Mas o agricultor necessitava de defesa nêsse sistema industrial, e a Italia fascista, desde que assumi o governo, se propôs desde logo a lhe dar essa

defesa. Podemos afirmar isso, sem qualquer sombra de dúvida. Graças aos esforços de meu governo, já alcançamos a maior colheita de grãos que jámais se obteve na Italia. A colheita dêste ano equivaleu a 300 milhões de alqueires, conforme rigoroso computo.

Isso significa um rendimento de 24 alqueires por acre. Essa é talvez a cifra mais eloquente de nossas estatísticas agrícolas do ano, porque representa melhor do que outra qualquer coisa o que temos conseguido. Foi o maior rendimento por acre jámais obtido no país e ainda mais animador se torna si o compararmos com o rendimento dos melhores anos agrícolas da Italia de antes da guerra que era apenas de 15 alqueires por acre. Além disso, a produção de farinha feita com trigo nosso, graças á nossa campanha em favor das qualidades escolhidas, foi maior do que em outra qualquer época.

Pois bem, o notavel valor dessa cifra em si mesmo evidencia a mudança experimentada pelos agricultores na Italia. Não estamos atribuindo a nós mesmos a abundancia de sol ou de chuva na Italia, nem tão pouco a formação de novas terras

adquiridas pelo governo para serem cultivadas. Desejamos apenas afirmar que foi graças aos esforços do governo que a terra italiana produziu cerca de 50 por cento mais do que anteriormente alcançava nos seus melhores anos.

Antes do Fascismo os agricultores estavam abandonados á sua propria sorte, mas com o advento do novo regime êles foram real e efetivamente auxiliados, o que por fim havia de redundar em geral benefício de todo o povo italiano. Não se fizeram promessas eleitorais aos agricultores. O que o Fascismo se propunha era extraír do sólo italiano suas maiores possibilidades e obter uma safra suficiente para as necessidades nacionais.

Nossa grande campanha do trigo alcançou o maior exito. E' com justo orgulho que anunciamos nossa produção de 300 milhões de alqueires de trigo porque, a não ser uma parcela insignificante de importação dêsse cereal, a Italia já se basta a si mesma para suas necessidades.

Mas que vantagem têm o camponês e o consumidor com isso? Ouvimos freqüentemente que apesar de magnificas colheitas os camponeses de todo o mundo são pobres. O Fascismo não recom-

ASPECTOS DA CRISE MUNDIAL

pensa dêsse modo os esforços da laboriosa classe agrícola. Mantemos firmes os preços dos produtos agrícolas, enquanto que ao mesmo tempo conservamos tais preços tão baixos como os que prevalecem em outros países.

O camponio italiano tem concorrentes de trigo na Hungria, Russia, Estados Unidos, Canadá e Argentina. O preço do trigo na Italia será mantido firme e o governo tomará medidas para que o excesso exportavel daquêles países não seja despejado na Italia a preços ruinosos para o agricultor italiano.

Estamos mui proximos de países onde seria possivel introduzir trigo a preços ruinosos. Impediremos que tal aconteça, vigiando atentamente os preços que ali prevalecem. Essa é a política que outros países nos forçaram adotar; puzemo-la em vigor para defesa de nossos proprios interesses, assim como dos interesses dos camponêses.

A agricultura italiana tambem encontrou grande obstáculo na baixa dos sistemas monetarios dos países que nos cercam. Os grandes países exportadores de trigo operam com dinheiro depreciado. Isso agrava bastante nosso problema, já que nos

BENITO MUSSOLINI

dispuzemos a não abandonar o padrão ouro. A lira italiana deve permanecer fiel ao ouro, sem embargo do que possam fazer outros países. A moeda depreciada significa maiores possibilidades de vender a preços baixos e por isso o governo italiano tem se preparado para enfrentar essa situação.

A Italia hoje tem todo o direito de se desvanecer de sua provincia agrícola, Cremona, que produziu 48 alqueires de trigo por acre. Isso representa um "record" digno de qualquer nação agrícola do mundo.

Nosso aproveitamento de terras já nos deu mais de 1.700.000 acres de terreno pronto para cultivo e continuamos a preparar mais de cinco milhões de acres para o mesmo fim. Isso iguala a metade da superficie de terras atualmente cultivadas na Italia. Por conseguinte, nossa superficie de terras araveis alcançará muito brevemente o total de mais de 17 milhões de acres.

Leis protetoras, facilidades para o credito agrícola, auxilio oficial no aproveitamento das terras pantanosas e no fomento da produção agrícola, são algumas das realidades que justificam a política agrícola do Fascismo.

A FASCISTIZAÇÃO DO
MUNDO EM 1934

ROMA.

Emergindo sobre o palco do mundo, o novo ano solar de 1934 desperta nos corações dos homens as mesmas preocupações, as mesmas perguntas, as mesmas esperanças.

Que nos oferecerá o ano novo? Dirigimo-nos para melhores tempos? Ou piorará ainda mais a situação aflitiva do mundo?

Taes são as perguntas que os estadistas e os governantes e em geral todos os elementos responsáveis de cada país, fazem a si mesmos afim de buscarem em suas consciências a força necessaria para atuar pelo bem comum.

E' inutil que nos percamos em meditações illusorias. Já tive oportunidade de expressar a

profunda e absoluta convicção de que entre todos os inimigos da humanidade e dentre todos os males que a atormentam, um dos piores é representado pelo otimismo impotente e infundado.

Deixando que as coisas sigam o seu curso, elas não melhorarão automaticamente. Mais fácil é deslizar por um plano inclinado, rolar até a catástrofe.

Quando os males são conhecidos e localizados, podemos aplicar-lhes, então, algum remédio. Podemos até evitá-los completamente, mas para isto em verdade se tornam necessários os esforços físicos e mentais combinados do homem.

O credo fascista repousa na convicção heroica da força da intelligencia ativa e na eficiencia da vontade humana. Havendo vontade, tudo se consegue.

No limiar do novo ano olhemos de uma maneira fascista os caminhos que a indomável vontade humana pôde traçar ou riscar durante 1934 para estabelecer uma senda decisiva que conduza a um horizonte mais brilhante.

Dezesseis anos depois da grande guerra deveríamos ter chegado finalmente á liquidação de todos os males da guerra e deveríamos dedicar-nos

ao trabalho de reconstrução. Mas, no campo internacional a situação não é propicia para êsse trabalho. A existencia da Liga das Nações depende dêle. Mesmo nos dias em que havia a apparencia, pelo menos, de harmonia, era difícil obter uma decisão importante da Liga.

O grande Conselho Fascista tem razão. Ou se reforma a Liga das Nações ou esta estará destinada a desaparecer. Prevalecerá a idéa da reforma, pois nada pôde fazer crer que a idéa italiana significará temores para os Estados pequenos. Pelo contrário, a verdade é que a Italia favorece um entendimento entre as grandes potencias também com o proposito de garantir de uma melhor maneira o desenvolvimento pacífico dos pequenos Estados, os quais não devem temer a harmonia mas a discordia entre as grandes potencias.

Outro problema que 1933 nos deixa sem solução, para ser resolvido em 1934, é o das dividas interaliadas.

Meu governo deu prova de sua boa vontade reconhecendo novamente sua divida para com os Estados Unidos e efetuando um pagamento de um milhão de dollars, para demonstrar como, em

contraste com alguns países, não tenta considerar o problema das dividas aos Estados Unidos cancelado com um simples sofisma de procedimento.

E' êste o sentido da lealdade e da honra em relação ás situações financeiras, politicas e juridicas contraídas por um povo como o italiano, dotado de uma antiga civilização, sobretudo em sua natureza juridica, com uma grande nação como os Estados Unidos.

Meu país não esquece a intervenção voluntaria e generosa dos Estados Unidos durante a guerra e tem muito em conta, mesmo nêstes momentos de sofrimento e depressão, as obrigações de honra que geram um caráter sagrado e o dever do respeito e cumprimento dentro de justos e razoaveis limites.

Os amigos do desarmamento total viram suas esperanças destruidas. Os esforços em pról do desarmamento não pôdem considerar-se perdidos, e a Europa e o mundo devem começar de novo, si querem obter resultados positivos.

A solução dêste problema tambem pôde provocar a reforma da Liga das Nações.

Esta corporação internacional dirigida de uma maneira apropriada por mão de mestre, poderia le-

vantar-se de sua atual fraqueza para adquirir decisão e prestígio para si mesma e tranquilidade para o sistema internacional.

Si de uma parte ha um grande desejo em pról do desarmamento, de outra não ha vontade nem animo para o levar ao fim. Todas as nações se manifestam prontas para limitar os seus armamentos, porém, quando chega o momento da prova, as suspeitas e os temores toldam o aspecto da situação e se desvanecem as boas intenções das melhores nações.

Preocupa ainda o dilema si se deve reforçar ou não a Liga das Nações para que o desarmamento seja efetivado. Uma Liga que exclue as mais poderosas nações é inefetiva. Para ser efetiva, deve estar de acordo com as potencias que pôdem perturbar a paz universal.

No ano de 1934 deve ser feito um acôrdo entre estas potencias. Em caso contrario, retrocederemos ao velho sistema do equilibrio da força.

Ao começar o novo ano já se fala em projetos para o caso de fracassar a Liga das Nações. Temos de fixar os nossos olhares nos sinais ameaçadores que se formam sobre o Pacífico, onde

três poderosas nações lutam por uma melhor posição. Devemos provocar um acôrdo entre estas nações, porque em caso contrário a guerra será inevitável. Apesar disto, e de outros alarmes semelhantes justificados, não creio que haja perigo imediato: — primeiro, devido á falta de grandes reservas necessarias para o preparo de uma guerra; segundo, devido á fase atual de consolidação e restauração das condições internas nos países. Êstes dois itens obrigam a muitas das mais poderosas nações do mundo a seguir uma política internacional de espera, que se poderia chamar uma política de cuidadosa contemporisação.

De fáto, enquanto a situação internacional se encontra assim confusa e cheia de fatores desconhecidos, a situação interna de muitos países apresenta alguns rasgos de esperanças. Muitos dos antigos ídolos aos quais se têm rendido homenagem caíram em pedaços como ruínas de um velho sistema, de uma época de ideologias democrático-liberaes na qual não mais acreditam os membros da geração nova.

A responsabilidade tende a acentuar-se cada vez mais e a tomar forma humana visível na pes-

sôa de um só homem, em lugar de dividir-se em ideologias nebulosas e vagas, evaporando-se nas assembléas de parlamentos coletivos anónimos.

O mundo será beneficiado com o fáto de um punhado de homens inteiramente responsaveis se encontrar ao redór da mesma mesa como representantes dos governos seguros de seus países para tratar de um acôrdo fazendo-se concessões recíprocas sobre a base da realidade e com o respeito recíproco completo, o que poderá ser uma vantagem para os povos cujos destinos êles dirigem.

Êste exemplo fascista, vindo da Italia, dirige-se hoje diréta ou indirétamente a muitas nações.

Demais, o terreno agora está limpo das várias superstições económicas e estamos varrendo as ruínas de outras experiencias perigosas. Tais experiencias foram feitas com o fim de produzir o restabelecimento do comércio e de ajudar as indústrias e as finanças. Demonstraram, porém, serem inuteis e prejudiciais. Foi o que ocorreu com a inflação e com as barreiras alfandegarias. Todas as nações aprenderam por experiencia propria,

que não é possível vender e ao mesmo tempo não comprar nada.

Nêste novo ano veremos o fortalecimento da idéa corporativa em todos os Estados. O exemplo da Italia nêste caso tem sido já imitado e ainda o será mais em 1934.

Embora os codigos da N. R. A. não tenham chegado ainda á perfeição do nosso Ministerio de Corporações, não ha dúvida que serão creadas muitas outras corporações do mesmo principio que proclamam o capitalismo em sua forma atual como um produto do liberalismo econômico, e que êste capitalismo necessita de contrôle, sobretudo nos interesses entre patrões e empregados, para que o Estado deva atuar como arbitro final, representando a conciliação justa dos interesses dos partidos com o anelo supremo do bem estar geral.

Com o seu novo Conselho de Corporações, a Italia apresentará ao mundo, nêste ano novo, a reforma mais radical na história dos governos modernos.

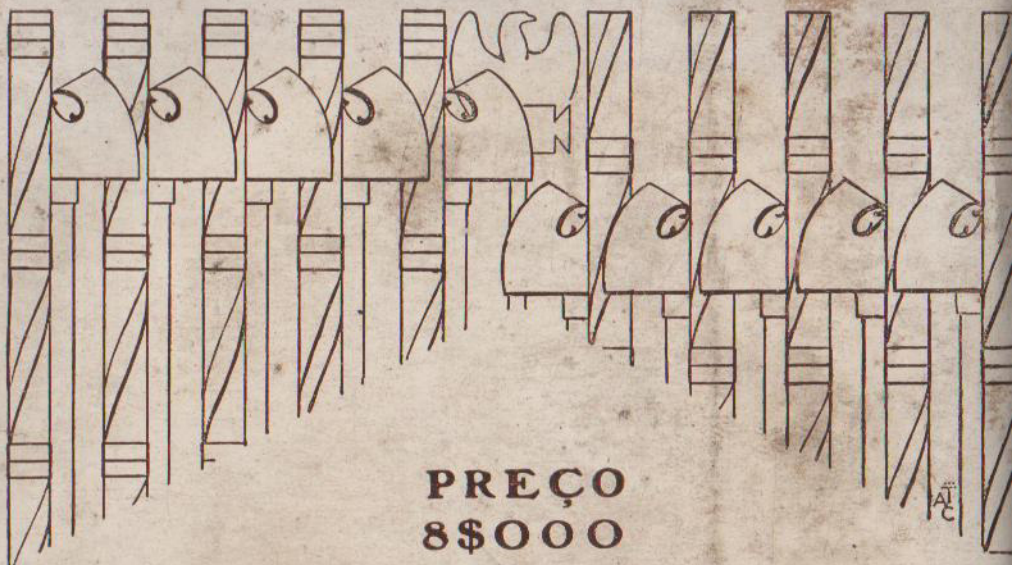
Os sintomas são claros em toda a parte. Todos os caminhos levam a Roma, mas também é verdade que todos os caminhos saem de Roma

para todo o mundo. Por meio dêste sistema de caminhos, como por meio de um centro nervoso vital, a civilização humana tem se afastado do passado.

Já disse em outras ocasiões que o mundo, ao fim de dez anos, será fascista ou "fascistizado". Repito agora com grande convicção: — 1934 marcará um passo decisivo para a "fascistização" do mundo.

INDICE

Prefácio	5
Cada povo faz a sua propria revolução	13
O problema dos sem-trabalho:—A maquina e a terra	23
Tecnocracia	35
A Italia e a Russia	47
"A Pequena Entente"	57
A Conferencia de Lausanne	69
A Proxima Conferencia Economica Mundial	83
A Conferencia Economica de Londres	93
As Esperanças do desarmamento	103
A desilusão do desarmamento	113
O significado de uma eleição	123
Roosevelt e o fascismo	133
A Lei Sêca e a Italia	143
Dez anos de revolução fascista	155
"Via Del Impero"	165
A atmosfera fascista	175
Profecias de 1933	185
Uma lei repudiada mas que se manteve durante treze anos	193
A falencia da Liberal-Democracia	203
As realizações agrícolas do fascismo	213
A "fascistização" do mundo em 1934	223
	235



PREÇO
8\$000

ALC

DISTRIBUIDORES:

LIVRARIA FREITAS BASTOS
21, RUA BETHENCOURT DA SILVA, 21
RIO DE JANEIRO